



## Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores

### Diário da Sessão

**VI Legislatura**

**Número: 102**

**IV Sessão Legislativa**

**Horta, Quarta-Feira, 10 de Maio de 2000**

**Presidente:** Deputado Humberto Melo

**Secretários:** Deputados José Ramos Aguiar e Natividade Luz

### Sumário

*(Os trabalhos tiveram início pelas 15 horas e 10 minutos)*

No **Período de Antes da Ordem do Dia**, e para intervenções de interesse político relevante, usaram da palavra, a diverso título, os Srs. Deputados:

Aires Reis (*PSD*), José Manuel Nunes (*PSD*), Fernanda Mendes (*PS*), Sandra Bessa (*PSD*), Paulo Valadão (*PCP*), Herberto Rosa (*PS*), José Maria Bairos (*PSD*), José Humberto Chaves (*PS*), Manuel Serpa (*PS*), António Meneses (*PSD*), João Greves (*PP*), Francisco Sousa (*PS*), João Cunha (*PSD*), Victor Cruz (*PSD*), Aurélio da Fonseca (*PSD*), José Nascimento Ávila (*PS*), Manuel Brasil (*PSD*), Madruga da Costa (*PSD*), bem como o Sr. Secretário Regional da Educação e Assuntos Sociais (*Álamo de Meneses*), Adjunto da Presidência (*Francisco Coelho*) e da Economia (*Duarte Ponte*).

Posteriormente, passou-se ao **Período da Ordem do Dia**, onde foram debatidas e votadas as seguintes iniciativas legislativas:

— **Proposta de Resolução 11/2000, "Consolidação e divulgação do serviço público regional de televisão"**, a qual foi aprovada por unanimidade.

— **Proposta de Resolução nº 3/2000 — "Recomenda ao Governo Regional que promova diligências no sentido da RTP/Açores voltar a ter correspondentes nas ilhas onde não existam delegações, tome medidas que assegurem o melhor funcionamento da RTP/Açores e iniciativas quanto ao acesso, em circunstâncias idênticas às do restante território nacional, às emissões de todos os canais generalistas de televisão"**.

Feita a sua apresentação pelo Sr. Deputado Alvarino Pinheiro (*PP*), usaram da palavra sobre o mesmo assunto os Srs. Deputados Sidónio Bettencourt (*PSD*), Paulo Valadão (*PCP*) e o Sr. Secretário Regional Adjunto da Presidência (*Francisco Coelho*).

A proposta em apreço foi aprovada por unanimidade.

— **Proposta de Decreto Legislativo Regional nº 9/2000 — "Reserva florestal de recreio no Pinhal da Paz"**.

Usaram da palavra os Srs. Deputados Francisco Xavier (*PSD*), João Sampaio (*PS*), João Greves (*PP*), Paulo Valadão (*PCP*), bem como o Sr. Secretário Regional Adjunto da Presidência (*Francisco Coelho*).

Submetida à votação, foi a mesma aprovada, tanto na generalidade como na especialidade, por unanimidade.

— **Proposta de Decreto Legislativo Regional nº 10/2000 — "Alteração ao artigo 4º do Decreto Legislativo Regional nº 16/89/A, de 30 de Agosto — Regime jurídico das reservas florestais de recreio"**.

Intervieram no debate os Srs. Deputados Paulo Valadão (*PCP*), João Sampaio (*PS*), Jorge Valadão (*PSD*) e o Sr. Secretário Regional Adjunto da Presidência (*Francisco Coelho*), a quem coube a apresentação do diploma.

A proposta supracitada foi aprovada, tanto na generalidade, como na especialidade, por unanimidade.

— **Proposta de Decreto Legislativo Regional nº 13/2000 — "Desafecção do terreno do núcleo florestal da Silveira do Pico para instalação de uma zona industrial ligeira."**

A proposta em apreço foi aprovada por unanimidade, não sem antes terem usado da palavra os Srs. Deputados António Meneses (*PSD*), Paulo Valadão (*PCP*), Rui Pedro Ávila (*PS*), Duarte Freitas (*PSD*), Alvarino Pinheiro (*PP*), depois de ter sido apresentada pelo Sr. Secretário Regional Adjunto da Presidência (*Francisco Coelho*). Atingida a hora regimental, a restante ordem do dia ficou agendada para a sessão seguinte.

*(Eram 20 horas e 05 minutos)*

**Presidente:** Srs. Deputados, boa tarde.

Agradecia que tomassem os vossos lugares para se proceder à chamada.

*(Eram 15 horas e 10 minutos)*

*Procedeu-se à chamada à qual responderam os seguintes Deputados:*

***Partido Socialista (PS)***

**António** das Neves Lopes **Gomes**

**António** José Tavares de **Loura**

António Manuel da **Silva Melo**

**Augusto** António Rua **Elavai**

**Dionísio** Mendes de **Sousa**

**Fernando** Manuel Machado **Menezes**

**Francisco** Cardoso Pereira **Oliveira**

**Francisco** Couto de **Sousa**

**Guilherme** Marinho **Pinto** de Sousa

**João Carlos** do Couto **Macedo**

**João** Manuel Pereira **Forjaz de Sampaio**

**José Humberto** de Medeiros **Chaves**

**Luis** Machado **Resendes**

**Manuel** Goulart **Serpa**

Manuel **Herberto** da **Rosa**

Maria de **Fátima** Rocha Furtado Moniz **Sousa**

Maria **Fernanda** da Silva **Mendes**

Maria da **Natividade** da **Luz**

**Rui Pedro** Lopes Machado **Ávila**

***Partido Social Democrata (PSD)***

**Aires** António Fagundes **Reis**

Alberto Romão **Madruga da Costa**

**António** Manuel Silva **Almeida**

**António** Manuel Goulart Lemos de **Meneses**

**Aurélio** Henriques Maria Correia de Almeida Melo **Cabral**

**Eugénio** Manuel Pereira **Leal**

**Francisco Xavier** Araújo Rodrigues

**Humberto** Trindade Borges de **Melo**

**João** Manuel Bettencourt **Cunha**

**José Francisco** Salvador **Fernandes**

**José Manuel** Avelar **Nunes**

**José Maria** Bairos

**José Ramos** Aguiar

**Jorge** Manuel Leão Themudo **Valadão dos Santos**

**Manuel** da Silva **Azevedo**

**Mark** Silveira **Marques**

**Sandra** Maria Sousa Garcia **Bessa**

**Victor** do Couto **Cruz**

***Partido Popular (PP)***

**João** Maria Fraga **Greves**

***Partido Comunista Português (PCP)***

**Paulo** António de Freitas **Valadão**

**Presidente:** Estão presentes 40 Srs. Deputados.

Declaro aberta a Sessão. Pode entrar o público.

Vamos iniciar o período dedicado às **intervenções de interesse político relevante para a Região.**

Para uma intervenção, tem a palavra o Sr. Deputado Aires Reis.

**Deputado Aires Reis (PSD):** Sr. Presidente da Assembleia, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Trago a esta Assembleia um assunto que constitui um desejo dos estudantes de São Jorge e provavelmente de toda a Região.

Trata-se da necessidade de se criarem programas de ocupação destinados aos jovens que concluem o 12º ano de escolaridade e que, não tendo acesso ao ensino superior, ficam a fazer melhoria de nota em algumas disciplinas durante um ou mais anos.

Julgo que seria um importante benefício para os alunos.

Associações de âmbito social, cultural e desportivo, autarquias e outras instituições, poderiam ser também beneficiadas, com a prestação de serviços destes jovens que, sentindo-se compensados financeiramente com um vencimento adequado, poderiam passar também por experiências profissionais muito enriquecedoras e por uma sensibilização efectiva para diversas actividades que se realizam na sua comunidade.

Outra forma de simultaneamente apoiar os jovens estudantes e resolver alguns problemas aos concelhos mais desfavorecidos seria com Bolsas de Estudo que, atribuídas em áreas consideradas carenciadas localmente, permitiriam preencher lacunas que hoje se verificam por todas as ilhas.

Concelhos como o da Calheta e o das Velas sentem grandes dificuldades técnicas em determinadas áreas, onde os recursos humanos continuam a não responder de forma satisfatória.

Cada ilha tem os seus problemas específicos e cada concelho confronta-se com a difícil tarefa de atenuar esses problemas.

E digo difícil tarefa porque, por exemplo, a Câmara Municipal da Calheta decidiu atribuir Bolsas de Estudo em algumas áreas, precisamente porque sente muito este problema. Serão, por isso, atribuídas já para o próximo ano lectivo.

Julgo que o Governo deveria pensar também nestes problemas e alargar as Bolsas de Estudo a outras áreas, consoante as necessidades de cada ilha.

Sr. Presidente da Assembleia, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Outro assunto que gostaria de abordar é a necessidade de dotar a Ilha de São Jorge com uma extensão do Conservatório Regional de Angra do Heroísmo.

É uma antiga aspiração dos jorgenses que está difícil de concretizar.

Muitos pais e encarregados de educação desejam colocar os seus filhos numa escola de música, de dança, ou de teatro.

É necessário criarem-se condições para termos em cada concelho professores formados também nestas áreas.

E se se poderia pensar que a extensão do Conservatório a São Jorge depende dos Jorgenses, não é menos certo solicitar à Secretaria Regional da Educação e Assuntos Sociais todo o apoio para se iniciar esse processo.

A Academia Musical da Ilha de São Jorge tem, há já algum tempo, esse desejo. Mas é necessário que a Direcção Regional da Cultura contribua, nesta primeira fase, com o apoio técnico e financeiro necessário.

Devemos criar as condições para que as crianças tenham, também em São Jorge, a oportunidade de frequentar, desde tenras idades, o ensino artístico. É iniciando já este processo que podemos despertar o gosto das crianças pelas artes.

Sr. Presidente da Assembleia, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Para terminar gostaria de sugerir à Direcção Regional da Cultura uma profunda reflexão sobre a forma como está a tratar alguns assuntos.

A forma como foram divulgados os prémios de criação artística, promovidos pela Direcção Regional da Cultura, deixa muito a desejar.

Os açorianos não souberam os resultados, não conhecem as obras vencedoras e nem imaginam se algum dia as vão conhecer.

Esperando, por exemplo, que a “Lira Açoriana” fizesse a interpretação da obra premiada na área da música, com o prémio Maestro Francisco de Lacerda, qual não foi o meu espanto quando percebi que isso não iria acontecer.

**Deputado Mark Marques (PSD):** *Muito bem!*

**O Orador:** O mesmo acontece relativamente aos Prémios Natália Correia, Almeida Garrett ou Canto da Maia. Quando é que vamos conhecer as obras premiadas?

É preciso admitir que a forma como decorreu o anúncio público desses prémios em nada dignificou a cultura açoriana.

Penso que os autores premiados e as pessoas que emprestam o seu nome aos títulos e a própria cultura açoriana merecem maior consideração.

Disse.

**Vozes de alguns deputados da bancada do PSD:** *Muito bem! Muito bem!*

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PSD)*

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Secretário Regional da Educação e Assuntos Sociais.

**Secretário Regional da Educação e Assuntos Sociais** (*Álamo de Meneses*): Sr. Presidente, Srs. Deputados:

Queria aproveitar esta oportunidade para prestar alguns esclarecimentos na sequência da intervenção que acabámos de ouvir.

Em relação à extensão de conservatórios regionais a São Jorge ou a qualquer outra ilha, como sabem, foi aprovado por esta Casa, há cerca de um ano, um decreto que alterou o enquadramento do ensino artístico e do ensino vocacional.

Aquilo que está a ser feito não é a extensão de mais conservatórios, mas sim a criação nas escolas que tiverem condições para tal, do ensino vocacional da música.

Em São Jorge não é preciso criar uma extensão do Conservatório de Angra, basta apenas numa das escolas da ilha, criar o ensino e vocacionar da música.

Esta é uma matéria que está sendo estudada neste momento com os conselhos executivos das diversas escolas, em função do interesse que existe em cada uma das comunidades em relação a essa matéria.

O ensino vocacional da música será criado em escolas do ensino regular nalguns casos no próximo ano lectivo, e noutros casos em anos subsequentes.

Essa questão da extensão dos conservatórios será extinta no próximo ano lectivo e será integrada nas escolas em que tem vindo a funcionar. É isso que vai acontecer na Praia da Vitória, no Nordeste, na Ribeira Grande e em todas as extensões dos conservatórios.

Em relação à questão que levantou sobre a criação de um programa ocupacional de tempos livres para os jovens que completaram o 12º ano e não têm acesso ao ensino superior, gostava de informar que já existe na Região um programa de ocupação de tempos livres que em boa parte é utilizado por esses jovens, só que tem um tempo relativamente curto, vai apenas até aos 6 meses, quando nalguns casos esses jovens ficam um ano inteiro ou mesmo mais que um ano.

É difícil e contraproducente criar programas que ocupem durante demasiado tempo essas pessoas, porque levará a um acomodamento que não será consentâneo com o futuro deles.

Eu estou disponível para estudarmos essa questão e é uma matéria que, aliás, a Direcção Regional da Juventude, Emprego e Formação Profissional, por diversas vezes, já estudou, houve diversos contactos nesse sentido e eventualmente isso será criado se o número o justificar.

Se tem algumas vantagens, também é óbvio que tem algumas desvantagens e temos que as ter em conta.

Em relação às bolsas de estudo, a Região mantém um programa de bolsas de estudo para as áreas mais carenciadas. Esses jovens podem aceder, não há nenhuma discriminação em relação à ilha de origem, antes pelo contrário, no que diz respeito à formação de professores, são privilegiados os estudantes oriundos das ilhas em que não haja ensino superior.

Não há aqui nenhuma discriminação.

Em relação à questão que levantou sobre os prémios de criação artística, gostava de lhe dizer que uma boa parte dos prémios não foi atribuída, porque os júris entenderam que nenhuma das obras apresentadas deveriam ter essa distinção.

Muito obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado José Manuel Nunes.

**Deputado José Manuel Nunes (PSD):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo, Sr. Secretário Regional da Educação:

A minha pergunta vem na sequência da intervenção do Sr. Deputado Aires Reis e porque no último plenário o Sr. Deputado João Greves colocou esta pergunta ao Sr. Secretário e V. Exa. não chegou a responder.

Gostaria de saber se o Sr. Secretário está ou não disponível para estudar a hipótese de se vir a leccionar no Corvo o 10º, o 11º e o 12º anos?

**Deputado Dionísio de Sousa (PS):** E o 13º, 14º e o 15º?

**O Orador:** Não. O 12º. ano basta!

Muito obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Secretário Regional da Educação e Assuntos Sociais.

**Secretário Regional da Educação e Assuntos Sociais (Álamo de Meneses):** Sr. Presidente, Srs. Deputados:

Eu creio que respondi na última sessão a esta pergunta, mas volto a fazê-lo.

Não é possível nas actuais circunstâncias e creio que muito dificilmente será possível, a leccionação do 12º ano num ambiente tão pequeno quanto esse.

Mesmo em ilhas bastante mais populosas e em escolas com um número de alunos bastante superior, o 12º ano existe com grandes problemas e levanta grandes questões.

Eu creio que a bem da própria população do Corvo, não deve funcionar lá o 12º ano. Mesmo que fosse teoricamente possível, mas não o é, o número de pessoas necessário faria com que o custo do ensino fosse extremamente elevado.

Foi criado um sistema de bolsas de estudo para permitir que os jovens do Corvo possam deslocar-se a outra ilha para ter esse ensino, sistema esse que estamos disponíveis para melhorar se se entender que é insuficiente. Creio que esta é a solução, pelo menos nos tempos mais próximos.

Muito obrigado.

**Presidente:** Para uma intervenção tem a palavra a Sra. Deputada Fernanda Mendes.

**Deputada Fernanda Mendes (PS):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

**Como já vem sendo hábito, enquanto deputada desta Câmara e presidente da Comissão de Assuntos Sociais, tenho procurado trazer, sob a forma de uma intervenção, algumas notas relativas a actividades que a Comissão tenha efectuado numa perspectiva e âmbito que ultrapasse o circuito habitual do trabalho parlamentar.**

**Este cuidado tem a ver com a divulgação entre pares do que a Instituição a que pertencemos realiza, quais as motivações para a sua organização e se possível fornecer alguns dados que possam levar a alguma avaliação da acção efectuada.**

**Como é do conhecimento de todos os senhores deputados a Comissão de Assuntos Sociais realizou em Ponta Delgada, no passado dia 29 de Abril, um Colóquio subordinado ao tema “Educação Sexual na Escola”, com o intuito de alargar e aprofundar o debate sobre essa matéria para além daquele que deriva dos conteúdos dos pareceres solicitados às entidades e instituições mais directamente relacionadas com o objecto do projecto de diploma, presente em sede de Comissão para apreciação.**

**Assim, e embora eu compreenda que estas minhas palavras possam ser repetitivas para alguns, aqueles que de uma forma mais activa participaram no Colóquio, o interesse em trazer, através desta tribuna, algumas das ideias relacionadas e veiculadas através das diferentes intervenções efectuadas para que possam chegar a todos os senhores deputados desta Casa, prevaleceu na minha decisão.**

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

**Educação Sexual na Escola precisa-se, operacionalize-se o que já se encontra legislado, faça-se, independentemente dela se realizar de uma forma intertemática ou interdisciplinar, referiu mais que uma vez e de uma forma veemente a Professora Dr<sup>a</sup> Manuela Sampaio.**

**A Escola tem um papel essencial, porque é nela que se deve efectuar a educação sexual formal, não em substituição de coisa alguma, mas em complemento aos agentes educativos não formais, tanto familiares como socio-culturais, sejam de cariz laico ou religioso. A cada um o seu papel na educação das crianças, dos jovens e mesmo dos adultos.**

**Operacionalizar implica corresponsabilização e consensualização de todos os intervenientes, nomeadamente da escola, dos professores, pais e encarregados de educação, bem como a existência de um Projecto Educativo flexível que leve em consideração essa matéria e a sua especificidade.**

**Concretizar a educação sexual na Escola de acordo com os princípios da interdisciplinaridade passa, e continuo a citar a Professora Manuela Sampaio, pela criação da figura de facilitador, e não um mero coordenador, com a finalidade de organizar e coordenar a execução dos conteúdos propostos, bem como motivar os intervenientes no projecto educativo escolar no que à educação sexual diz respeito, independentemente dessa figura ser exterior ou não, à escola. A sua existência é imprescindível para o sucesso da iniciativa.**

**É necessário quebrar com o marasmo que impera em todas as escolas e com as consequências negativas do modelo preconizado de “façam todos para que nada se faça”.**

**A educação sexual processa-se desde o nascimento até ao fim da vida, por essa razão não é um processo acabado com o término da escolaridade e muito menos ainda confinado à Escola. E nesta, também não deve estar circunscrita às disciplinas escolhidas como mais adequadas para esse ensino. Outros técnicos, nomeadamente médicos, enfermeiros e psicólogos devem fazer parte da equipa pedagógica responsável pelo ensino das matérias relacionadas com a sexualidade.**

**Como salientou a conferencista convidada, os conhecimentos científicos existem, há portanto um corpo teórico e experimental pedagógico relacionado com o ensino das questões da sexualidade no meio escolar, há ainda ciclos de debate público efectuados desde a década de 80, tendo levado a publicação das Leis nº3 /84, de 24 de Março, e a Lei nº 120/99, de 11 de Agosto, sobre Planeamento Familiar e Educação Sexual na Escola, infelizmente nenhuma delas, ainda, regulamentada.**

**Se a esses diplomas se acrescentar a legislação emanada do Ministério da Educação relativa às disciplinas Desenvolvimento Pessoal e Social (DPS), Área Escola, e Promoção e Educação para a Saúde (PES), estamos perante um conjunto de autorizações legislativas que têm possibilitado a**

realização de tímidos ensaios, não se tendo ido mais além, porque infelizmente, até hoje, não se criaram as condições para a sua generalização.

Essas condições passam essencialmente pela vontade de se concretizar. Falta o exercício da função tutelar do Estado a recomendar a operacionalização tendo em conta a própria autonomia das escolas, a formação dos professores responsáveis pela execução do Programa e a respectiva avaliação do cumprimento desses programas inseridos no projecto educativo da escola. É essencial ainda que os professores sejam voluntários, que tenham apetência para o ensino dessa vertente do conhecimento humano, se sintam apoiados e incentivados, e saibam, desde o início, que a avaliação é parte integrante do programa.

A educação sexual na escola deve ser abordada de uma forma positiva, sustentada em valores humanistas e universais e não veicular os valores morais e pessoais do professor ou de qualquer grupo socio-cultural específico da nossa sociedade.

Deve, no entanto, educar no sentido da aquisição dos valores essenciais relacionados com a sexualidade humana, tal como foi referido pelo Dr. Duarte Vilar da Associação de Planeamento para a Família, e que se encontram especificados no Relatório efectuado pela equipa responsável pela execução do projecto experimental “Educação Sexual e Promoção da Saúde nas Escolas”, realizado entre os anos lectivos de 1995/96 e 1997/98, em escolas do 1º, 2º e 3º ciclos do ensino

**básico e ensino secundário, do continente, com o intuito de dar início à educação sexual formal no meio escolar.**

**Por não ter havido tempo para os enunciar, como por mais de uma vez foi dito durante o Colóquio, considero importante inseri-los nesta minha intervenção porque dizem respeito a aspectos fundamentais relacionados com o nosso tema.**

**Assim, os valores essenciais relacionados com a sexualidade humana a veicular através da educação sexual são:**

**— o reconhecimento de que a sexualidade é uma fonte de prazer e comunicação, e uma componente positiva de realização pessoal e das relações interpessoais;**

**— a valorização das diferentes expressões da sexualidade ao longo do ciclo de vida;**

**— o reconhecimento da importância da comunicação e do envolvimento afectivo e amoroso na vivência da sexualidade;**

**— o respeito pela pessoa do outro, quaisquer que sejam as suas características físicas e a sua orientação sexual;**

**— a promoção da igualdade de direitos e oportunidades entre os sexos;**

**— o respeito pela diferença;**

**— o reconhecimento do direito a uma maternidade/paternidade livres, conscientes e responsáveis;**

**- o reconhecimento de que a autonomia, a liberdade de escolha e uma informação adequada são aspectos**

**essenciais para a estruturação de atitudes e comportamentos responsáveis no relacionamento sexual;**

**— a recusa de expressões da sexualidade que envolvam violência ou coacção, relações pessoais de dominação e de exploração;**

**— a promoção da saúde dos indivíduos e dos casais, nas esferas sexual e reprodutiva.**

**Tendo por base este conjunto de valores e os emanados da Carta dos Direitos Sexuais e Reprodutivos da (IPPF) Federação Internacional Para o Planeamento da Família, (por mim já referidos em anterior intervenção), bem como um corpo teórico de conhecimentos científicos biológicos, psicológicos, sociológicos, etno-antropológicos e filosóficos, entre outros, o grande objectivo da Educação Sexual, apontado pelo Dr Duarte Vilar, é contribuir para uma vivência mais informada, mais gratificante, mais autónoma e, logo, mais responsável da sexualidade.**

**Para que esse grande objectivo possa ser alcançado além de ministrar a gama de conhecimentos relacionados com a sexualidade humana, a educação sexual deve contribuir para a aceitação positiva e confortável do corpo sexuado, do prazer e da afectividade. E ainda para a aquisição de uma atitude não sexista e não discriminatória face às expressões e orientações sexuais do outro(s), bem como a aquisição de uma atitude de prevenção da doença e promotora do bem estar e da saúde.**

**Neste contexto, e de acordo com o Relatório citado, faz parte do ensino das competências individuais, nomeadamente o treino e reforço das competências para tomar decisões e de recusar comportamentos não desejados ou que violem a dignidade da pessoa e os seus direitos; treino e reforço das competências de comunicação; treino e reforço de um vocabulário adequado; utilização quando necessário, de meios seguros e eficazes de contraceção e prevenção do contágio de DST e treino de competências de pedir ajuda e saber recorrer a apoios quando necessário.**

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

**Se no nosso Colóquio foram extremamente importantes as intervenções já referidas, nomeadamente a da Professora Dr<sup>a</sup> Manuela Sampaio, as da APF nacional e regional, Drs Duarte Vilar e Gonçalo Viola, respectivamente, não menos foram as das juventudes partidárias pelo dinamismo e vivacidade imprimidas.**

**Contudo, é de salientar, para que conste, que independentemente das diferenças ideológicas, da forma de apresentar o tema e da abrangência que se lhe tenha sido dado, a unanimidade imperou acerca da necessidade de se implementar a educação formal nas escolas e facilitar o acesso ao planeamento familiar.**

**Todos os jovens intervenientes reconheceram a importância da participação dos diferentes agentes no processo; da escola não veicular valores mas educar para o desenvolvimento da personalidade, de forma a que cada um desenvolva o seu próprio**

quadro de referências, definidor das suas opções individuais.

E para terminar, Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados e Srs. Membros do Governo, a participação da Directora Regional da Educação e a presença na assistência do Secretário Regional da Educação e Assuntos Sociais leva-nos a acreditar na vontade política de concretizar nos Açores a implementação da Educação Sexual formal nas escolas.

A tarefa é árdua mas não impossível já que muitos dos receios e expectativas erróneas foram desfeitas ao longo do dia, onde a própria intervenção da Dr<sup>a</sup> Isabel Rodrigues serve de exemplo quando refere que, no que respeita à educação sexual no meio escolar, a formação dos professores e funcionários é essencial, que a ideia não é tanto criar professores especialistas, mas antes prepará-los para ouvir, facilitar a expressão das questões, conduzirem os alunos à reflexão, serem melhores conhecedores do desenvolvimento dos jovens, serem capazes de perceber o que os alunos querem saber, serem portadores de estratégias específicas para a dinamização dessas aulas e acima tudo terem confiança em si mesmos e no que estão a realizar.

O projecto educativo deve ser o fio condutor, continuando a referir-me à Dra. Isabel Rodrigues — não nos esqueçamos que, segundo o Dr. Duarte Vilar, se está a falar de 20 horas lectivas/ano, ou seja 4 horas/mês ao longo de 5 meses — que está convencida que cada escola tem um potencial de

(re)descoberta e de (re)conhecimento inesgotável, e que tem de estar pronta a incorporar as novas vertentes da educação exigidas pelas transformações que se vão operando na nossa sociedade, desde que devidamente activada para o efeito.

De facto, espera-se que neste terminar de século se dê provas que desde o choque provocado por Freud há cerca de cem anos ao reconhecer a existência da sexualidade infantil, até à actual evolução da genética que permite a clonagem de seres vivos, e a fecundação dos seres humanos em condições laboratoriais desligadas de uma das expressões mais ricas da nossa sexualidade, se sinta que o único caminho para fortalecer os vínculos entre os indivíduos, e por consequência os diversos tipos de relações entre as pessoas, é o reconhecimento por todos nós da importância da sexualidade na vida dos seres humanos e que essa é alvo de conhecimentos específicos, que necessariamente têm de fazer parte das matérias a incluir na educação em geral e na escolar em particular.

**Disse!**

*(Aplausos dos deputados da bancada do PS e do Subsecretário Regional da Saúde)*

**Presidente:** Tem a palavra a Sra. Deputada Sandra Bessa.

**Deputada Sandra Bessa (PSD):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Congratulo-me pela Sra. Deputada Fernanda Mendes ter trazido este assunto a esta Câmara, não só porque está na Ordem do Dia, mas porque achei que o Colóquio foi realmente enriquecedor para todos nós.

Muito embora tenha mencionado alguns dos problemas que nomeadamente a Prof. Dra. Manuela Sampaio focou, eu não queria deixar de fazer aqui o apelo que ela nos fez — até porque muitos de nós não estávamos lá — ou seja, a situação a nível nacional é caótica, vive-se um autêntico marasmo, as leis existem mas não são postas em prática, nem sequer tão pouco as acções de formação de professores continuaram. O apelo que ela nos fez foi: "utilizem a autonomia para não incorrerem nos mesmos riscos. Faça-se produção legislativa sim, mas não façam com que isto não passe do papel".

Foi um apelo muito veemente, muito reforçado que eu não poderia deixar de vos transmitir.

Obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra a Sra. Deputada Fernanda Mendes.

**Deputada Fernanda Mendes (PS):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Muito me apraz, em primeiro lugar, que após uma intervenção de tribuna sem ser de matérias consideradas normalmente por esta Assembleia — desculpem a expressão — "mais quentes, mais políticas", passe a expressão...

**Deputado Mark Marques (PSD):** Mais quente foi!

*(Risos da Câmara)*

**Deputado Mark Marques (PSD):** Desculpe, Sra. Deputada.

**A Oradora:** Está desculpado, Sr. Deputado.

Eu compreendo que certas matérias estimulem um bocadinho mais o psíquico...

**Deputado Rui Pedro Ávila (PS):** O que não faz mal nenhum!

**A Oradora:** ... o que não faz mal nenhum.

A questão que eu queria colocar tem a ver com a diferença de tratamento normal/comum, e eu só quero expressar esta minha ideia, este meu pensamento e o

meu sentir de que normalmente as coisas relacionadas com os assuntos sociais, no que diz respeito a áreas mais vastas referentes ao ser humano, após uma intervenção, não se costumam debater.

Então gostaria de me congratular por este aspecto, a minha congratulação e votos de muito obrigada Sra. Deputada Sandra Bessa.

Antes de terminar, gostaria dizer que eu estou certa, junto com o Grupo Parlamentar do PSD e junto com os outros grupos parlamentares, que no que diz respeito à implementação da educação sexual nas escolas, nós podemos dar lições ao resto do território nacional, porque tenho a impressão de que há vontade política, vontade de se legislar, de se partir para um diploma globalizante, um diploma que bate todas as ideias, porque na essência, tudo indica que há um certo consenso nas ideias base.

Se nós legislarmos nesse sentido, um diploma globalizante e como tudo indica há vontade de se executar por parte do Governo, então nós poderemos realmente dar lições ao resto do território nacional.

Eu acho que se formos por esse caminho, a Região Autónoma dos Açores só terá a ganhar com isto, porque os açorianos merecem o melhor.

Ainda há pouco tempo ouvi num colóquio que não há importância nenhuma de nós sermos poucos ou pequenos. O que importa é que nós estejamos um passo à frente!

No que diz respeito a esta matéria, eu gostaria que nós estivéssemos um passo à frente.

Muito obrigada.

**Deputado Vasco Cordeiro (PS):** *Muito bem!*

*(Aplausos dos deputados da bancada do PS e do Subsecretário Regional da Saúde)*

**Presidente:** Para uma intervenção tem a palavra o Sr. Deputado Paulo Valadão.

**Deputado Paulo Valadão (PCP):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Na sociedade em que vivemos, cada vez mais, toda a problemática das novas tecnologias dizem respeito a todos os cidadãos e fazem parte, hoje, da vida de todas as pessoas, as quais são muitas vezes defraudadas pelas expectativas criadas, quando

não são mesmo burladas. Exemplo disso tem sido o que vem ocorrendo nas Flores com as redes de telemóveis. Primeiro foi o anúncio da sua chegada e o atraso verificado. Depois foram as expectativas criadas e o não cumprimento daquilo que foi propagandeado.

Assim, apenas para dar um exemplo, no ano de 1999 uma das empresas — a TMN — fez distribuir por toda a Região um prospecto intitulado “Cobertura TMN Açores” com o mapa das Ilhas com a previsão da sua rede até 31 de Dezembro desse ano, prevendo-se, ou prevendo eles, que metade da Ilha das Flores ficaria com rede. E, lá vem no mapa a metade ocidental e o extremo Norte da Ilha coloridos, sinal da cobertura. Acontece que a realidade, hoje, é bem diferente. E, passados que estão os prazos publicitados, verifica-se que não foram cumpridas as expectativas anunciadas para 31 de Dezembro de 1999. A parte que deveria estar com o sinal ainda não o tem e não se fala **nada** quando é que as empresas de telefones móveis irão estender a rede a toda a Ilha, até porque não aceitamos que se cubra com as redes apenas e tão somente as zonas mais populosas e não se continui com a cobertura a todas as zonas habitadas das Flores. Primeiro, estamos perante publicidade enganosa que foi divulgada e depois porque compete a estas empresas não existirem apenas aonde podem ganhar dinheiro, mas têm o dever de servir aqueles que nelas confiaram.

As empresas que têm rede de telemóveis nas Flores devem cumprir, em primeiro lugar, as expectativas criadas, e têm o dever de estenderem as suas redes à Ilha em toda a sua extensão.

Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Outro aspecto relacionado com as novas tecnologias diz respeito à televisão e hoje nas Flores já pode ser captada, via satélite, algumas emissões que têm a ver com a empresa portuguesa de TV Cabo. Não percebemos, nem sabemos por que razão na Região Autónoma dos Açores, embora a título experimental e provisório, não se inicia a comercialização dessa captação, por parte daqueles que o queiram fazer. É com pena que sabemos que há pessoas nas Flores que vão ao Continente fazer contratos para poderem captar nas Flores as emissões da TV Cabo.

Dissémos ontem e repetimos hoje que os 4 canais nacionais devem ser distribuídos nos Açores, **gratuitamente**, como no território do Continente. Mas também entendemos que aqueles que tenham disponibilidade financeira e desejo, devem poder ter acesso às emissões da TV Cabo, sabendo-se que aí despende-se algum dinheiro. Nestas áreas, as empresas têm direitos, mas também têm deveres a cumprir e fundamentalmente têm de aproveitar todas as oportunidades que estão ao seu alcance para disponibilizarem às pessoas interessadas os serviços que prestam.

Disse.

**Presidente:** Para participar no debate, tem a palavra o Sr. Deputado Herberto Rosa.

**Deputado Herberto Rosa (PS):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo, Sr. Deputado Paulo Valadão:

Eu penso, e V. Exa. irá corrigir-me se eu estiver enganado, que o Sr. Deputado está a fazer a apologia para que se "venda gato por lebre".

V. Exa. está a fazer a apologia de que a Cabo TV Açoriana comece a comercializar um produto que ainda não existe.

Acontece que, neste momento, através de um sistema de satélite digital, os açorianos vão passar a dispôr das emissões da Cabo TV. Porém, ainda não foram contratualizados todos os canais.

Neste momento, a Cabo TV Açoriana ainda não dispõe de nenhum produto para comercializar.

É facto que estão codificados no satélite alguns canais, porque é preciso fazer ensaios, é preciso afinar antenas e tudo isso.

É verdade que esta é uma emissão nacional. Aliás, já ontem o deixei expresso.

Porque a empresa nacional já tinha contratos, porque tanto no espaço A como no espaço B já existia Cabo TV através de satélite digital, sucede que há cidadãos — e estão no seu pleno direito — que fazem assinaturas. Não sei se no futuro isso vai ser possível ou não, porque provavelmente os preços vão ser mais baixos na Região do que no Continente e o contrário provavelmente não vai ser possível.

Neste momento, há cidadãos que se assumem como lisboetas ou portuenses, adquirem o descodificador e o cartão, colocam-no no seu receptor, pagam

eventualmente 8000\$00 por 8 canais, quando no Continente essa quantia dá direito a 26 canais. Eles fazem isso no seu pleno direito.

V. Exa. poderá perguntar-me a razão do atraso. Eventualmente não terá que perguntar a mim, mas à Cabo TV Açoriana, porque é que o serviço ainda não está disponível.

V. Exa. poderá — não creio que o faça — falar numa determinada mão invisível ou na espera de uma determinada inauguração. Provavelmente não o vai fazer, porque sei que o Sr. Deputado é uma pessoa séria e não vai enveredar por aí.

O que lhe digo é que se a Cabo TV Açoriana estivesse, neste momento, a fazer assinaturas e a vender cartões, estava a "vender gato por lebre", estava a enganar os açorianos e aí, sim, não seria só o Sr. Deputado, seríamos todos nós a protestar.

Obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Paulo Valadão.

**Deputado Paulo Valadão (PCP):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Eu penso que nenhum de nós poderá afirmar que a TV Cabo Açoriana, pelo facto de vender determinado pacote de canais, está a "vender gato por lebre", porque nos Estados Unidos da América existe uma congénere sua que vende 85 ou 86 canais.

A TV Cabo Portuguesa tem determinado número de canais, tal como a TV Cabo Açoriana.

Neste momento, a TV Cabo Açoriana, que me vende aqui na Horta determinado número de canais, poderia vender — estou convencido que em todas as nossas ilhas, mas concretamente na Ilha das Flores — a RTP-Canal 1, RTP-Canal 2, TVI, CN Lisboa, a GNT, a Telecine e a Sport TV.

Pergunto, porque é que a TV Cabo Açoriana não tem para venda este pacote de emissões às pessoas das Flores?

Porque é que é necessário que as pessoas das Flores — e há várias que já o fizeram — que foram a Lisboa, encontraram o endereço, fizeram um contrato com a TV Cabo Portuguesa, pagam os tais 26 canais que o Sr. Deputado Herberto Rosa fala, e têm à sua disposição 7 ou 8 canais?

Nós entendemos que o correcto era a TV Cabo Açoriana vender aos açorianos os tais 7 ou 8 canais que pode vender e que o seu custo tivesse em conta o número de canais disponíveis e o fizesse, conforme digo na minha intervenção, a título provisório e apenas para satisfação das pessoas que neste momento estão a ser espoliadas daquilo que é seu, porque gostam de ver determinados canais que já podem ser comercializados e estão a pagá-los em Lisboa em vez de os pagar comodamente na sua casa e na sua ilha.

É este o grande problema que tem a ver com as emissões neste momento da TV Cabo e julgo que poderia ser resolvido.

Mais. A TV Cabo Açoriana não teve relutância nenhuma em me vender, como vendeu aos senhores que vivem na Horta, determinado número de canais que é diferente daqueles que vende, por exemplo, no Continente.

É evidente que se é possível na Horta venderem-se os canais que são vendidos nesta ilha, também seria possível vender-se nas Flores os canais que estão disponíveis para vender lá.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Secretário Regional Adjunto da Presidência.

**Secretário Regional Adjunto da Presidência** (*Francisco Coelho*): Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados:

Em primeiro lugar e em termos de princípio, gostaria de me congratular, se assim se pode dizer, e de me associar às preocupações, quer do Sr. Deputado Paulo Valadão e tenho a certeza por aquilo que percebi, quer do Sr. Deputado Herberto Rosa, relativamente a estas questões.

Ligando um pouco isto, porque não pode nem deve estar desligado da questão da televisão que ainda ontem falámos e que, de certeza, neste plenário vamos ter oportunidade de falar aquando do debate sobre a Proposta de Resolução apresentada pelo Partido Popular, eu diria que estas preocupações e reivindicações são, desde logo, um bom sinal.

No caso das Flores pode ainda não ser no que se refere ao sinal da TV Cabo, mas é seguramente um bom sinal. É um bom sinal que vem provar que cada vez mais estas tecnologias se vão expandindo, vão chegando aos Açores e o Governo Regional comunga desse espírito, tem desenvolvido e vai continuar a desenvolver todas as

diligências, inclusive ao nível político — já que algumas das questões obviamente não são da sua competência directa, no que se refere a esta matéria — para que estas novidades da sociedade de informação cheguem aos Açores e não apenas a Ponta Delgada, Angra do Heroísmo e Horta, mas, efectiva e paulatinamente, a todas as ilhas da Região.

Sabemos que algumas destas questões são promovidas por empresas privadas, mas também é verdade que essas empresas privadas têm um contrato de concessão onde são fixados determinados tipos de obrigações.

Assim, quer relativamente ao eventual incumprimento e até à eventual publicidade enganosa que o Sr. Deputado Paulo Valadão referiu relativamente à TMN, quer relativamente àquilo que é uma proposta da TV Cabo de disponibilizar, num determinado sistema da TV Cabo Açores, um determinado número de canais, o que lhe posso dizer é que o Governo está interessado em que isso aconteça o mais rapidamente possível e vai tomar boa nota das intervenções proferidas pelos Srs. Deputados Paulo Valadão e Herberto Rosa, no sentido de saber em que pé é que estas questões estão e ver, ao nível político, o que é que é possível fazer para que o mais breve possível estas coisas cheguem a todas as ilhas dos Açores.

Muito obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Herberto Rosa.

**Deputado Herberto Rosa (PS):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo, Sr. Deputado Paulo Valadão:

Antes de mais, uma nota prévia:

Ainda bem que neste momento podemos fazer este debate. Isto significa — e ontem debrucei-me de alguma forma sobre esta temática — que estamos realmente nos Açores, a par e passo com aquilo que se passa em todo o território nacional.

No entanto, tendo conhecimento do que se passa — e V. Exa. deu conta daquilo que acontece neste momento — é também necessário saber como acontece e porque acontece.

V. Exa. não pode confundir a Cabo TV que existe, através de uma ligação física, com o sistema satélite digital.

São duas tecnologias diferentes, duas realidades diferentes, que têm tempos diferentes.

Acontece que, neste momento, a Cabo TV Açoriana, no satélite digital, tanto no espaço A como no C, tem uma antena própria, tem um transponder salvo erro o 48.

Isto significa que tem que fazer a transferência do espaço A como no B ou como no espaço A como no C, e tem vindo a fazê-la progressivamente.

O Sr. Deputado apresentou uma relação de canais. A SIC, por exemplo, julgo que há dias ainda não estava no satélite.

Mas há aqui um problema de produto que se vende.

Obviamente, a Cabo TV Açoriana, em meu entender, sendo uma empresa comercial — não é um serviço público — tem todo o interesse em começar a utilizar o seu investimento o mais rapidamente possível para poder cobrar.

V. Exa. coloca a questão como se houvesse uma *cabala* contra os florentinos.

No Nordeste, no Capelo, no Pico, nas Flores, no Corvo e em Santa Maria, julgo eu, a situação é exactamente a mesma.

Não há aqui nenhuma má vontade, nem nenhum espírito persecutório da Cabo TV Açoriana. Se houvesse, estaríamos também na primeira linha para o denunciar.

De facto, essa não é a realidade. Existem questões de natureza técnica, de contrato inclusive, porque quando foi permitido à Cabo TV Açoriana fazer o resto da cobertura, cumprir a parte do contrato que diz que tem que ter uma rede em todas as ilhas, quando lhe foi autorizada esta solução através do satélite digital, foi-lhe exigido que tivesse no pacote, por exemplo, todos os canais nacionais.

De facto, uma vez que a SIC ainda não está, ela não pode comercializar um pacote onde não constam todos os canais nacionais.

Depois, é preciso perceber como é que isto funciona.

Há um *bouquet* principal que resulta da própria aquisição do cartão.

Há canais que são adquiridos complementarmente, como é a Telecine, a TV Sport, etc..

Sr. Deputado, eu não quero dar lições a ninguém — longe de mim tal ideia!

Estas coisas têm que ser faladas como são e não atirar coisas para o ar.

De facto, V. Exa., pelo menos aparenta, não dominar o processo, não se ter informado e está a fazer um discurso — desculpe que lhe diga — perfeitamente demagógico, porque pretende dizer que os florentinos estão a ser discriminados, que já havia isso escrito, o que é mentira.

Os florentinos não estão a ser discriminados neste processo.

Eu compreendo a avidez das pessoas pelas novas tecnologias e a ansiedade dos florentinos por terem disponíveis todos os canais da TV Cabo, eu compreendo a avidez dos florentinos por terem, através do DVBT (Digital Video Broadcasting) — Serviço Digital Terrestre — todos os canais nacionais gratuitamente, também compreendo as suas preocupações, como devem ter os nordestenses ou outros, em relação ao diferencial de custo entre a assinatura de um equipamento e a assinatura de outro equipamento. Inclusivamente, julgo que este era um debate que deveríamos ter, ou seja, porque é que quem vai ter 26 canais terá que pagar 60.000\$00 pela assinatura, e depois a mensalidade obviamente, e quem está nas grandes cidades paga cerca de 20.000\$00 para receber esse mesmo serviço?

Eu julgo que esta discussão é pertinente.

Porém, lançar suspeições de que por uma *cabala* misteriosa, estando disponíveis 7 canais neste momento, as pessoas ainda não os podem ter, até porque ainda não foi encontrado, não foi feito o concurso para adjudicar a comercialização desse mesmo produto, Sr. Deputado, tudo isto tem regras, as regras do mercado, do comércio e das actividades comerciais.

Preocupados, estamos todos.

Queremos esse serviço amanhã? Nós gostaríamos que tivesse sido ontem!

Agora é preciso dar tempo ao tempo e é preciso, antes de mais, perceber as coisas.

Muito obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Paulo Valadão.

**Deputado Paulo Valadão (PCP):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Eu começo pelo que foi dito pelo Sr. Deputado Herberto Rosa.

A adjectivação que utiliza em relação à TV Cabo, é sua e não minha, porque não está na minha intervenção. Eu não falei em discriminações, em má vontade, mas em falhas concretas que existem e que, a meu ver, têm que ser ultrapassadas.

Neste momento, a título provisório, a título experimental, podiam estar a ser ultrapassadas, embora com pagamento, em função do produto que as pessoas recebem, aliás, como foi feito no início em relação aos primeiros passos que a TV Cabo deu na Região Autónoma dos Açores.

Essa matéria, para mim, está discutida.

Pensamos que é fundamental que as pessoas das Flores deixem de deslocar-se a Lisboa para fazer um contrato para poderem ter acesso a alguns dos canais da TV Cabo. Aliás, o Sr. Deputado fala em dois que são pagos, são vendidos, e que já têm assinantes na Ilha das Flores, pagando o preço que é pago no Continente, porque o fazem como se efectivamente utilizassem aquele produto lá.

Um outro aspecto que o Sr. Secretário referiu, em representação do Governo, demonstra que há toda a boa vontade no sentido de que estes aspectos gradualmente sejam resolvidos. É essa a minha interpretação e é nesse sentido que tenho que levar em conta a intervenção feita por V. Exa..

Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Efectivamente, estamos a falar de matérias que para nós são completamente novas.

Como diz o Sr. Deputado Herberto Rosa, e muito bem, ainda bem que nós podemos fazer este debate aqui, porque ele era impensável há bem pouco tempo. Ainda bem.

Aliás, eu penso que trazer estas matérias aqui, é enaltecer a possibilidade de nós hoje termos acesso a serviços que se nos dissessem há 3 ou 4 anos, talvez nós não acreditássemos.

**Deputado Herberto Rosa (PS):** *Muito bem!*

**O Orador:** É nesse sentido que eu estou a fazer este debate e no sentido não de criticar, não de acusar seja quem for, mas no sentido construtivo de que todos temos muito que aprender, porque nestas matérias ninguém sabe tudo e há muito que fazer, para que efectivamente estes serviços possam ser benéficos para todos os cidadãos da Região Autónoma dos Açores.

Quando eu hoje vejo determinadas pessoas que me dizem que estão ávidas por estes serviços e que querem fazer sacrifícios para os pagar, isso dá-me grande contentamento, porque é sinal de que toda a sociedade está a evoluir.

Penso que estamos todos a contribuir nestas matérias para que a sociedade evolua.

Da minha parte, penso que é fundamental que isso aconteça.

Por outro lado, todos nós sabemos que estão em causa empresas que se regem com contratos privados, embora sejam empresas com participação pública.

Por isso, quando há uma empresa, como eu disse há pouco, que nos distribui o ano passado este mapa que diz que — e eu refiro-me particularmente à minha ilha, que é aquela que mais me interessa — metade da ilha vai ficar com cobertura e nós hoje andamos com o telemóvel e verificamos que só nas zonas mais populosas é que há cobertura, temos que reagir no sentido de que aqueles que têm o dever de pugnar pelos nossos interesses, e neste caso o Governo Regional, possam dar o seu contributo, no sentido destas empresas cumprirem aquilo que nos disseram.

Eu admito que possam haver atrasos, mas eles têm que ser colmatados. Se esses atrasos são devidos a alguma deficiência das empresas, compete aos órgãos de Estado, neste caso e na Região ao Governo Regional dos Açores, exigir que as empresas cumpram os seus deveres.

Por outro lado, há um problema que o Sr. Secretário refere, ou seja, os contratos de concessão.

Nesses contratos, eu penso que foram salvaguardados os interesses das populações, porque não seria admissível — aliás, faça-se justiça, isso já aconteceu — que uma empresa de telemóveis apenas se instalasse na cidade de Ponta Delgada, porque aí tinha lucros garantidos.

Da mesma maneira, eu entendo que no caso das Flores, não se pode pensar que as empresas que lá se instalaram tenham por objectivo as vilas e as freguesias mais populosas, e não todas, e deixem o resto da ilha às "escuras".

No fundo, aquilo que se verificou foi que pessoas dos mais diversos lugares da ilha fizeram os seus contratos e hoje têm os seus telemóveis apenas para serem utilizados quando se deslocam às vilas ou aos centros mais populosos.

Portanto, estas são matérias novas para todos nós, como disse há pouco, onde são necessários aperfeiçoamentos e nós temos o dever, em relação às nossas terras, e o direito de chamar aqui a atenção para elas no sentido de as melhorarmos.

Essa é a minha intenção e é no sentido de que estes produtos cheguem a todas as pessoas e sejam apresentados cada vez com melhor qualidade e com uma utilização mais universal.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Secretário Regional da Economia.

**Secretário Regional da Economia (Duarte Ponte):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Eu queria dar apenas alguns esclarecimentos daquilo que conheço, dentro da minha área, sobre a TV Cabo.

Como sabe, o sistema adoptado DTH (Directo-Om)— estará brevemente em funcionamento nos Açores.

Estão numa fase final de negociação com as diversas empresas, algumas são do Governo, como a RTP 1 e a RTP 2, e as outras são privadas, como a SIC e a TVI.

É evidente que é um negócio de privados, mas mal isso esteja resolvido, penso que este processo será extensível aos Açores.

A TV Cabo anunciou que estaria resolvido em Abril, mas não está.

No entanto, julgo que esse processo está na recta final, ficando disponível o sinal no satélite.

Quando este processo estiver resolvido em termos de negociação de privados, para envio do sinal, todas as ilhas dos Açores, todas as pessoas, terão à sua disposição os 4 canais nacionais, mais um pacote de alguns canais que normalmente aparecem aqui nos Açores.

Eu penso que é uma grande evolução.

Tal como disse o Sr. Deputado Paulo Valadão, nestes 20 anos de autonomia houve uma tremenda evolução nas comunicações. Lá vai o tempo da televisão do Canal 1 que nós tínhamos e que foi uma grande evolução em relação ao passado.

É preciso não esquecer que foi o 25 de Abril que praticamente trouxe a televisão para os Açores.

Nos principais centros desta Região, já temos à disposição, através da televisão por cabo, um conjunto de canais que andarão à volta de 40 e tal, mas dentro de um ano, com a televisão digital, ficarão disponíveis, para todos os açorianos, de forma gratuita, os 4 canais nacionais, mais a RTP Açores.

Haverá uma reunião dentro em breve sobre o grupo de trabalho que está envolvido na televisão digital e tudo leva a crer que no ano 2001 isso vai ser uma realidade.

Estamos no limiar de uma grande transformação nos Açores, quando se discute a RTP/Açores.

A discussão da RTP/Açores hoje é bastante diferente da discussão que a RTP/Açores teria há 10 anos atrás, quando era o único pólo de informação que todos nós tínhamos acesso.

Daqui a um ano este pólo vai perder, naturalmente, a importância que tem. Terá uma importância relativa.

É natural que algumas informações só possam ser veiculadas através da RTP/Açores.

É natural que a RTP/Açores terá que, necessariamente, passar por uma fase de adaptação a esta nova situação de competição directa com diversos canais, que tenha outro poder económico e que tenha outras capacidades financeiras e outras formas de aliciar audiências, mas julgo que a salvaguarda da RTP/Açores é extremamente importante e merece, como está a merecer aqui, uma discussão desapaixionada, aberta, tendo em atenção que a informação e o conhecimento é a arma do futuro.

É preciso ter um povo correctamente informado e é para isso que aqui estamos de uma forma aberta a discutir este assunto.

A minha intervenção apenas tem o intuito de revelar alguns pormenores, alguns detalhes de negociações que estão a decorrer que, no meu entender vão ter um impacto fundamental no futuro de toda a comunicação social aqui nos Açores.

**Presidente:** Para uma intervenção, tem a palavra o Sr. Deputado José Maria Bairos.

**Deputado José Maria Bairos (PSD):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Avançamos a passos largos para o fim da legislatura e se fosse o caso de estarmos distraídos, o discurso, as decisões, as posições, os protocolos, os subsídios e as inúmeras primeiras pedras de obras prometidas em 1997 e orçamentadas nos

diversos planos mas que pararam no tempo, lembrar-nos-íamos da proximidade das eleições. Em grande parte das ilhas esta foi uma legislatura de obras virtuais e cujos projectos deslizaram, numa atitude deliberada, para o ano de eleições.

Foi em Novembro de 1996 que tomou posse o actual governo suportado pelo Partido Socialista, o denominado, da Nova Autonomia. Os princípios eram mais que muitos, nomeadamente, acabar com a subsídio-dependência, deixar de intervir directamente na economia regional, colocar as pessoas pela sua competência e não pela cor política, acabar com a discriminação entre açorianos etc., princípios estes acompanhados da acusação que o PSD tinha todos estes pecados. Os açorianos que sabiam não ser verdade as acusações, assistem incrédulos à política de subsídios a granel e de preferência a pessoas ligadas ao Partido Socialista e quando o enquadramento de atribuições não existe, criam-se associações para a respectiva injeção do subsídio, compram-se empresas pagando-se acima do seu valor real, compram-se teatros para finalidades que deviam ser totalmente geridas pelas, associações comerciais e industriais, competindo-se abertamente com a iniciativa privada, mas principalmente compram-se votos e o silêncio das pessoas para que se acomodem na critica pública.

**Voices dos deputados da bancada do PSD:** *Muito bem! Muito bem!*

**Voices dos deputados da bancada do PS:** *Muito mal!*

**O Orador:** Quando a tendência mundial, até dos países de Leste é privatizar, nos Açores a Nova Autonomia, Nacionaliza.

O melhor exemplo da utilização dos dinheiros públicos para fins eleitorais, foi o caso do actual Presidente da Câmara de Angra do Heroísmo quando exercia as funções de Director Regional da Segurança Social, cuja eleição foi paga a peso de ouro através da distribuição de centenas de milhares de contos...

**Deputado Rui Pedro Ávila (PS):** Está a ofender os eleitores, Sr. Deputado!

**Deputada Sandra Bessa (PSD):** A verdade dói!

**O Orador:** ... que pertenciam a todos os concelhos da Região mas que foram concentrados no Concelho de Angra do Heroísmo. Mas atenção, a história repete-se. O novo Vice-Presidente do Partido Socialista desempenha, também, o cargo de Director Regional da Segurança Social.

As festas, os subsídios os protocolos e as carrinhas, aí estão acompanhados do respectivo passeio presidencial e das crianças e idosos que são obrigados a ajudar no decór televisivo.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Durante anos e pela voz do actual Presidente do Governo, as maiorias eram consideradas nocivas e centralizadoras. Agora pela mesma pessoa são consideradas necessárias e a base do desenvolvimento e actuação positiva do Governo e a oposição é acusada de encarnar a obstrução à acção governativa.

Mas a realidade é que este Governo sempre teve os planos anuais aprovados...

**Deputado Mark Marques (PSD):** *Muito bem!*

**O Orador:** ... bem como os diplomas considerados estruturantes cabendo também à oposição não deixar passar a arrogância,...

**Deputado Luís Resendes (PS):** Onde é que eu ouvi isto?!

**O Orador:** ... o despotismo e dar vozes aos mais fracos evitando que este governo fizesse o que lhe apetecia sem dar contas a ninguém. Trata-se enfim, do exercício da verdadeira democracia embora custe muito ao Presidente do Governo.

Nas anteriores legislaturas o actual presidente do governo não perdia a oportunidade de referir a ausência, muito esporádica, do então Presidente do Governo, no plenário da Assembleia.

**Deputado Dionísio de Sousa (PS):** Muito esporádica!

**O Orador:** Actualmente o acusador prima pela ausência constante nos plenários sendo secundado por grande parte dos secretários regionais, desrespeitando a Assembleia e não dando resposta às questões que são apresentadas pelos deputados.

**Deputados Mark Marques e Sandra Bessa (PSD):** *Muito bem! Muito bem!*

**O Orador:** O Presidente do Governo e alguns secretários preferem fazer a discussão política, do Palácio de Santana ou dos gabinetes das secretarias em conferências de imprensa para o efeito ou então acompanham, membros do Governo da República que são chamados à Região para abençoar a política da Nova Autonomia, sempre que alguns sectores se insurgem com as medidas tomadas.

Esta não é uma Nova Autonomia, mas sim uma autonomia de amigos...

**Deputados João Cunha e Sandra Bessa (PSD):** *Muito bem!*

**O Orador:** ... e cumplicidades políticas de ocasião, porque mecanismos duradouros para o futuro, independentemente das cores políticas, não são negociados, exigidos e consagrados.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Outro grande princípio era a aposta numa estrutura governativa pequena com a consequente redução de secretarias e respectivos titulares. Era a política do bikini — pequeno, curto, mas cobrindo os sectores essenciais — ...

*(Risos da Câmara)*

... de tal forma que o Presidente do Governo de imediato o classificou "como o melhor governo do mundo"

Neste aspecto iniciou-se um autentico falhanço político e a micro-estrutura começou a "engordar" e aos poucos foi aumentando de tal forma que acabou por ter o mesmo número de titulares, que acusavam de excessivo, nos governos do PSD.

*(Aplausos dos deputados da bancada do PSD)*

**O Orador:** Engordou de tal forma que a elegância do bikini passou à história e agora só uma medida extra large servirá para arrumar toda a máquina governativa.

*(Risos dos Deputados da bancada do PSD)*

Mas as constantes alterações da estrutura do governo tem que ter (e tem uma leitura política e esta é óbvia) a total incapacidade de alguns secretários em gerirem e coordenarem políticas em sectores importantes e sensíveis da Região Autónoma dos Açores.

Quanto ao "melhor governo do mundo" só resta fazer uma análise por alguns departamentos para chegar a uma conclusão:

Este é o governo que criou e comanda a melhor e maior empresa de "Marketing político" até hoje montada na Região.

Este é o governo do diálogo perante as câmaras de televisão, mas nos gabinetes adia ou decide contra a opinião dos parceiros económicos e sociais.

**Deputado António Meneses (PSD):** *Muito bem!*

**O Orador:** Este é o governo que quando confrontado com as várias reivindicações da sociedade civil, cria grupos de trabalho ou manda efectuar infundáveis estudos para, como diz o nosso povo, empatar .

O maior exemplo da incapacidade e inabilidade política é o titular da Secretaria Regional da Educação e Assuntos Sociais

Apesar de aumentar os custos da saúde na Região em cerca de 30%, os utentes não vislumbram melhoria nos cuidados de saúde, antes pelo contrário, a confusão é total e os profissionais de saúde desalentados abandonam a Região, fugindo ao caos em que caiu a coordenação política e financeira do Serviço Regional de Saúde.

Arma constantemente arremessada à anterior administração pelo actual titular, era a dívida aos fornecedores e a promessa, melhor, o compromisso, de reduzi-la ou até anulá-la.

**Secretário Regional da Educação e Assuntos Sociais (Álamo de Meneses):** Onde é que está a dívida aos fornecedores?!

**O Orador:** Afinal, no parecer do Tribunal de Contas é afirmado que a mesma dívida aumentou e isto apesar da injeção de milhões de contos no orçamento.

**Secretário Regional da Educação e Assuntos Sociais (Álamo de Meneses):** Esta é boa. Não há nenhuma dívida a fornecedores!

**O Orador:** Na área da educação e sempre procedido do famoso diálogo, o titular conseguiu um resultado estrondoso: uniu, pais, professores, sindicatos, associações e órgãos de gestão das escolas, todos, contra as políticas de educação em curso.

Obras anunciadas, são mais que muitas, mas a grande parte não passa dos comunicados.

**Deputado Luís Resendes (PS):** Voltamos à terra queimada!

**O Orador:** Quando a insatisfação aperta, sai uma "carta escolar" e respectiva conferência de imprensa e o anúncio de milhões de contos de investimentos, mas para os próximos 5 anos.

Caso exemplar é o projecto, apenas, o projecto, de recuperação da Escola Básica Integrada de Vila do Porto.

**Deputado José Humberto Chaves (PS):** Está feito!

**O Orador:** Já fez parte de 3 comunicados do Governo e foi incluída em dois planos com verbas de valor considerável. De recuperação, até ao momento, nada.

Deve estar o projecto congelado, até à próxima visita do Governo a Ilha de Santa Maria, o que resulta num investimento prometido e orçamentado, nesta legislatura mas que só virá a concretizar-se na próxima.

Mas a lista é longa . Também em 1997 se realizaram protocolos para a construção do Centro de Idosos, o Polivalente da Freguesia de Santa Bárbara, recintos desportivos cobertos, etc., cuja concretização continua quase nula.

**Deputado Dionísio Sousa (PS):** Quase nula! Porque não diz nula?

**O Orador:** Eu explico-lhe daqui a pouco!

Muitas primeiras pedras vão ter os marienses na próxima visita do Governo, dando oportunidade ao Presidente do Governo de aplicar a sua recente mas cada vez mais refinada técnica no manejo da colher e da argamassa.

Mas justiça seja feita a esta secretaria pela sua eficiência na inauguração de obras lançadas, pelos anteriores governos e concluídas no actual mandato como foi o caso do Polivalente de Almagreira e será em breve — próxima visita do Governo — o edifício da Segurança Social de Vila do Porto. Nestas situações não se olham a despesas, o que é preciso é festa.

**Secretário Regional da Educação e Assuntos Sociais (Álamo de Meneses):** Essa aí está certa. Foi o Sr. Deputado António Meneses que iniciou!

**O Orador:** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Sempre que se mencionam edificações escolares, o Secretário da Educação e Assuntos Sociais, atira de imediato com a informação das dezenas de salas de aula criadas ou recuperadas no 1º ciclo do ensino básico, como que afirmando a sua eficiência e rasgo de visão política no sector.

**Deputado Vasco Cordeiro (PS):** Tem toda a razão!

**O Orador:** Nada mais errado e enganador .

Em primeiro lugar, a medida adoptada e conseqüente afectação de verbas do II Q.C.A. para a sua implementação, não é da autoria deste Governo.

**Deputado Dionísio Sousa (PS):** Não, não!

**O Orador:** Em segundo lugar o sucesso da medida deve-se ao facto, da concepção, adjudicação e construção, depender única e exclusivamente das Câmaras Municipais,

**Deputado Dionísio Sousa (PS):** Pois claro!

**O Orador:** ... limitando-se a secretaria a disponibilizar verbas provenientes dos fundos comunitários. Se tudo dependesse da Secretaria e do seu titular e atendendo ao seu, já reconhecido, baixo grau de execução, a realidade do parque escolar do 1º ciclo, seria totalmente diferente.

**Deputado Dionísio Sousa (PS):** Realmente é só engenheiro!

**O Orador:** Na prática teríamos muitos discursos e muita pouca obra.

Assim, podemos afirmar que a Secretaria e muito bem, assumiu a sua principal vocação — uma eficiente e bem montada pagadoria, dando razão à máxima dum deputado do PSD que disse "há política que não tem dinheiro e dinheiro que não tem política" o segundo caso encaixa perfeitamente na atitude e na falta de acção do secretário em causa.

**Deputado João Cunha (PSD):** *Muito bem!*

**O Orador:** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

A Região Autónoma dos Açores teria ganho imenso, se o Sr. Secretário tivesse tido, no decorrer deste mandato, a coragem que teve, na anterior legislatura como deputado do Partido Popular, quando da tribuna disse "não sei o que estou aqui a fazer e não volto ao Parlamento".

**Deputado João Cunha (PSD):** É verdade! Lembra-se?

*(Risos dos deputados da bancada do PSD)*

**O Orador:** Infelizmente para todos nós, não teve esta coragem como membro do Governo.

Para terminar, espero que na próxima visita à Ilha de Santa Maria cumpra os seus compromissos assumidos em 1997 e repetidos em 98 e 99, nomeadamente, a Casa de

Povo de Santa Bárbara, o Centro Comunitário de Santa Maria, a reabilitação da Escola Básica Integrada, recinto desportivo coberto, etc., embora Santa Maria tenha sido expoliada durante quatro anos das verbas que lhe eram devidas e só na próxima legislatura possa ver concretizadas obras que já deviam estar a decorrer há muito tempo

Como diz o nosso povo, "antes tarde do que nunca".

Disse.

**Vozes dos deputados da bancada do PSD:** *Muito bem! Muito bem!*

*(Aplausos dos deputados da bancada do PSD)*

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado José Humberto Chaves.

**Deputado José Humberto Chaves (PS):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Eu vou falar sobre o "ataque" que foi feito ao Sr. Secretário que, na minha opinião, foi uma coisa terrível, porque não só foi dirigido ao Sr. Secretário, como também ao Sr. Presidente do Governo.

Eu vou lembrar aqui algumas coisas que, por exemplo, a Secretaria Regional fez.

Ao nível da escola básica integrada, é preciso que se entenda o seguinte:

O projecto já foi apresentado e inclui, por exemplo, a remodelação dos telhados.

V. Exa. sabe porque é que inclui a remodelação dos telhados?

**Deputado João Cunha (PSD):** Quatro anos para fazer a remodelação dos telhados!

**O Orador:** Foi porque na altura em que foi feita aquela escola, estava a fazer-se a escola de São Roque do Pico que já tinha, por exemplo, telhados normais.

Eu disse ao PSD para colocar esse telhado, mas não puseram.

Este Governo vai ter que fazer.

Portanto, foi uma obra mal feita do PSD que este Governo vai ter que corrigir.

**Deputado Rui Pedro Ávila (PS):** Ora bem!

**Deputado Mark Marques (PSD):** Em São Roque está bom!

**O Orador:** Sr. Deputado, a Casa do Povo da Almagreira, é um edifício novo, o projecto foi feito pelo PSD e a obra foi consignada pelo PS.

No entanto, esta Secretaria Regional já se vê actualmente confrontada com um pedido da Casa do Povo para aquisição de um outro terreno para fazer os anexos.

Outra obra mal planeada que este Governo agora vai ter que resolver.

No porto de Vila do Porto, já se acabou a obra, uma boa obra. O PSD pôs a concurso e é obra sua, com excepção da parte final que é obra do PS.

**Deputado João Cunha (PSD):** Anexos para o porto!

**O Orador:** Espere, não é nada disso!

Porque é que se está a fazer a obra pela segunda vez?

Porque é que se está a gastar mais dinheiro pela segunda vez?

É porque na altura própria não se ouviram as pessoas que percebiam daquilo, os autarcas, os deputados e o Sr. Deputado José Maria Bairos se calhar falou nisso. Agora estão a gastar mais dinheiro e devido a isso este Governo não pode avançar com outras obras, porque tem que terminar esta obra, mas não vale a pena estarmos aqui agora a falar nesse assunto.

Mais.

A nível desta Secretaria Regional, é preciso não esquecer o apoio que tem sido dado pela Direcção Regional da Segurança Social a diversas entidades, desde a Santa Casa da Misericórdia, o Recolhimento de Santa Maria Madalena, e outras Casas do Povo. Há pouco tempo, concluiu-se os anexos da Casa do Povo de Santo Espírito, uma obra feita pelo PSD, mas não viram que era preciso aumentar.

A nível de médicos, quando este Governo entrou, tínhamos dois médicos em Santa Maria. Agora temos 4.

**Deputado João Cunha (PSD):** Mande um para a Graciosa para substituir o outro!

**O Orador:** Um é provisório, mas temos 3.

Vai ser construída uma casa para deficientes.

O Sr. Deputado falou há pouco no Centro Comunitário. A construção do Centro Comunitário não é culpa deste Governo, porque ele já disponibilizou as verbas.

Os projectos são feitos e elaborados pela própria Direcção da Santa Casa da Misericórdia.

Em relação ao Recolhimento de Santa Maria Madalena, passa-se exactamente a mesma coisa. O sistema é o mesmo.

Eu não percebo porque é que está aí a falar do Centro Comunitário.

Ele está a seguir, já tem o projecto aprovado e vai ter o seu caminho.

**Deputado Mark Marques (PSD):** Com os anexos!

**O Orador:** Não são anexos, isto é um Centro Comunitário.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Manuel Serpa.

**Deputado Manuel Serpa (PS):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Há deputados da oposição aqui dentro que não gostam que se regresses ao passado.

**Deputados Mark Marques e Sandra Bessa (PSD):** Olhe que não!

**O Orador:** Quem regressou ao passado foi o Sr. Deputado José Maria Bairos.

Eu quero falar aqui em nome da verdade.

Há muita gente, nesta Casa, que não teve a oportunidade de usufruir o contraste. Quem não usufruiu o contraste, não pode ter um conhecimento verdadeiro das coisas nem das causas.

É preciso que se diga nesta Casa a bem da verdade e contra aquilo que o Sr. Deputado disse, uma vez que usou o termo *esporádica*, que os governos regionais do passado, alguns deles, delegaram apenas numa pessoa — no Deputado Costa Neves ou no Deputado Eugénio Leal — para que, sózinhos, representassem o Governo durante anos e durante os plenários.

**Vozes de alguns deputados do PS:** *Muito bem! Muito bem!*

**Deputado José Maria Bairos (PSD):** Agora nem um!

**O Orador:** É mentira. Sempre estiveram membros do Governo, durante os plenários desta Assembleia.

A verdade tem que ser dita.

Os Governos de então deram-se ao luxo de delegar numa pessoa que quando não sabia responder tomava notas e levava para perguntar a alguém.

**Deputado João Cunha (PSD):** E depois davam a resposta.

Agora não dão e a diferença é essa!

**O Orador:** A bem da verdade e para que não se misturem as coisas, que fique bem claro para todos aqueles que estão aqui dentro e que não viram nem sentiram isso, que alguns governos do passado fizeram isto, ou seja, delegaram apenas numa pessoa que durante anos representava o Governo e respondia por ele.

Repetindo aquilo que ontem foi dito, eu também posso dizer: é preciso descaramento!

*(Aplausos dos deputados da bancada do PS e dos Membros do Governo)*

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado José Maria Bairos.

**Deputado José Maria Bairos (PSD):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Vou primeiro responder àquilo que foi proferido pelo Sr. Deputado José Humberto Chaves.

De facto, na minha intervenção, acho que tenho toda a razão, porque o Sr. Deputado replicou durante toda a minha intervenção, referindo apenas obras que estão construídas e a funcionar e que foram feitas pelos anteriores governos.

**Deputado José Humberto Chaves (PS):** Foi só para lhe dar um exemplo.

Estamos a refazer o que os senhores fizeram!

**O Orador:** Eu não referi todo o levantamento que eu fiz daquilo que foi prometido. Depois, não me venha dizer aqui que o Sr. Secretário tem tido uma acção meritória em várias áreas como tem tido em toda a Região.

Eu falei aqui de obras específicas que fizeram parte do comunicado do Governo em 1997.

Nós estamos no ano 2000 e até ao momento, a maior parte delas ainda não as vislumbrámos em lado nenhum.

Quanto ao Centro Comunitário de Vila do Porto — eu vou responder em termos mais de pormenor —, ele teve alguns atrasos no seu processo, porque várias vezes os pedidos de parecer que foram feitos à Secretaria não entraram dentro do prazo. Como não entraram dentro do prazo, as equipas que estavam para fazer os projectos e

anteprojectos, deram um prazo para que dessem uma resposta. Eles foram ultrapassados e o processo teve que voltar ao início.

Não venha tentar "tapar o sol com a peneira", porque sei que a responsabilidade da construção é da Santa Casa da Misericórdia, mas há todo um processo burocrático que passou pela Secretaria e por várias vezes os prazos foram ultrapassados.

No que se refere à escola, o Sr. Deputado vem agora colocar a questão de que em 1998 tinha o problema do telhado.

**Deputado José Humberto Chaves (PS):** Eu não, o Sr. Deputado é que levantou!

**O Orador:** Sr. Deputado, eu vou ler-lhe o que diz o comunicado de 1997:

"Mandar elaborar o projecto de reabilitação da Escola EB 2-3/S, Bento Rodrigues, e respectivo pavilhão Gimnodesportivo, prosseguindo ao mesmo tempo com as obras de reparação, nomeadamente a rede eléctrica e de águas, de forma a fazer face ao estado de degradação que se encontra e proceder à sua adaptação ao ensino secundário.

No projecto de reabilitação, serão incluídos a construção de uma vedação, laboratórios para o ensino secundário e a substituição de caixilharias e coberturas que se encontram degradadas".

Isto já fazia parte do projecto.

**Deputado José Humberto Chaves (PS):** Já fazia e foi feito!

**O Orador:** Não venha agora inventar que ao ser mudados os telhados, obrigou a que o projecto ficasse atrasado.

Este projecto arrasta-se desde 1997 e não tem nada a ver com o telhado, porque o projecto que veio no comunicado, referia-se à reabilitação total da escola. Não tente separar aqui os projectos, porque já incluía a vedação e tudo o resto.

**Deputado José Humberto Chaves (PS):** A vedação é uma coisa à parte!

**O Orador:** De facto, tudo aquilo que coloquei na minha intervenção em termos do atraso foi com o intuito de frisar o que foi prometido nas três visitas do Governo a Santa Maria e que até ao momento não foi feito, tenho toda a razão e o Sr. Deputado deu-ma ao não falar nas questões que eu levantei, mas ao falar em obras que já estão construídas, algumas delas há 10 anos, o que não tem nada a ver para esta discussão.

Sr. Deputado Manuel Serpa:

Quanto à sua questão, gostaria de lhe dizer que a situação que frisou de haver, no tempo do PSD, um Secretário que respondia, eu julgo que essa é uma prática que está a decorrer neste momento na maior parte das Sessões que nós temos tido aqui.

Só que os senhores disseram durante anos que iam ser diferentes, que o Sr. Presidente do Governo ia estar aqui.

**Vozes de alguns deputados da bancada do PS:** E somos!

**O Orador:** O Sr. Presidente, ostensivamente, não comparece aqui não sei há quantas sessões. Foge à discussão política, porque não lhe interessa e para alguém, como o Sr. Presidente do Governo, que defendia a não governamentalização desta Assembleia, é vê-lo agora permanentemente de costas voltadas para esta Casa onde a discussão política deve acontecer.

Não é na RTP/Açores, não é no Palácio de Santana, não é nas festas do Partido Socialista onde ele manda as mensagens políticas que deseja, mas nesta Casa, para nós podermos ver a capacidade das pessoas na discussão *taco a taco* e não sozinho atrás das câmaras de televisão.

**Vozes dos deputados da bancada do PSD:** *Muito bem! Muito bem!*

**O Orador:** Foi isto que eu quis referir na minha intervenção.

*(Aplausos dos deputados da bancada do PSD)*

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado António Meneses.

**Deputado António Meneses (PSD):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Sr. Deputado Manuel Serpa:

Também em nome da verdade é preciso que se diga que coincidiam quase sempre, conselhos de Governo na Horta, quando a Assembleia estava reunida.

**Deputado Dionísio Sousa (PS):** Era outra habilidade!

**O Orador:** O Governo, encontrava-se todo na Horta, na sala do Governo, inclusive o Presidente do Governo.

Nós vínhamos aqui todas as vezes que alguma matéria nos dizia respeito, mesmo no Período de Antes da Ordem do Dia e os secretários estavam sempre presentes na discussão dos respectivos diplomas.

De qualquer maneira, só para marcar uma diferença, o Sr. Deputado pode dizer que estavam no edifício da Assembleia, mas não estavam no plenário, como dizia o Sr. Deputado, e isso era condenado. O Sr. Deputado dizia isto no passado.

Agora, o que é que diz?

Aquilo que não concordava no passado, concorda agora? É indiferente?

Ou pelo facto de no passado ter acontecido alguma coisa, justifica que agora se possa invocar o não cumprimento das regras com o que se passou no passado?

Há que haver coerência.

Como disse o meu colega, uma das razões, entre muitas outras, que o Partido Socialista chegou ao poder, foi porque prometeu que ia ser diferente.

**Vozes de alguns deputados da bancada do PSD:** E está sendo!

**Deputada Sandra Bessa (PSD):** Totalmente diferente, nisso concordamos!

**O Orador:** Quando é diferente para pior e esse assunto é denunciado, a defesa não é a justificação, mas a afirmação de que no nosso tempo fazíamos a mesma coisa.

O Sr. Deputado acha que esta é uma justificação plausível, convincente de um partido que chegou ao poder e que prometia fazer diferente?

Está aqui demonstrado que o Sr. Presidente do Governo quando era um feroso deputado da oposição, era um grande defensor parlamentarista no respeito intransigente pela Assembleia.

Eu assisti, quando era membro do Governo, à expulsão dos adjuntos de secretários regionais, feita pelo Sr. Presidente do Governo, aqui destes sectores mais próximos, alegando que não tinham que permanecer neste espaço e que estavam a desrespeitar o Parlamento.

**Deputado Victor Cruz (PSD):** Agora está cheio!

**O Orador:** Deste lado, nunca fizemos tal coisa.

Expulsou-se ali de cima, o Chefe de Gabinete do Presidente da Assembleia!

Por consequência, os senhores deviam ter dado pelo menos instruções aos seus colaboradores para serem coerentes com aquilo que disseram no passado. Nisto e em muitas outras coisas.

Muito obrigado.

**Deputada Berta Cabral (PSD):** Eles é que não deviam ter entrado cá dentro.

**Vozes de alguns deputados da bancada do PSD:** *Muito bem! Muito bem!*

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado José Humberto Chaves.

**Deputado José Humberto Chaves (PS):** Sr. Presidente, Srs. Deputados:

Só para clarificar aqui duas ou três coisas.

Em primeiro lugar, eu gostaria de dizer que aquilo que está no comunicado do Governo de 97, em relação à substituição da rede de água, de electricidade e pintura, é obra que já está feita. A electricidade já foi reparada e inclusivamente já foi feita a aquisição de mobiliário que nem constava desse comunicado.

Os marienses têm todas as razões e mais alguma para acreditarem neste Governo e por duas razões:

Primeiro, só pelo facto de ser criado o transporte marítimo de passageiros, que veio contemplar aquela ilha, Santa Maria já tem que agradecer a este Governo;

Segundo, devido à interferência directa do Presidente do Governo Regional junto do Governo da República, para que fosse implementado o NAV II.

Eu tenho a certeza que só por estes dois aspectos, os marienses, no dia de votar, no dia de ir às urnas, vão dar uma resposta a Vs. Exas.. Nesse dia, vamos ver quantos deputados vamos eleger.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado João Greves.

**Deputado João Greves (PP):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Sr. Presidente e Srs. Membros do Governo:

Já estou a ouvir esta discussão há algum tempo, ou seja, desde a intervenção do Sr. Deputado José Maria Bairos, que trouxe para aqui alguns aspectos negativos do Governo, que são bem claros.

Esses pontos negativos não se verificam apenas em Santa Maria, eles são extensivos de uma ponta à outra do Arquipélago e deixam aqui um eco que muitos não gostam de ouvir.

Eles têm que ser colocados nesta Câmara para que possamos resolvê-los.

Eu vou começar pelo fim da sua intervenção, quando diz que "antes tarde do que nunca!"

Realmente, é verdade!

Só que há coisas que nunca chegam.

Segundo o que diz o Sr. Secretário da Educação, o ensino — factor fundamental em qualquer sociedade — nunca chegará ao Corvo, enquanto ele for Secretário, só que não sabemos por quanto mais tempo é que vai exercer essas funções.

O ensino, infelizmente, tem sido sempre vedado aos corvinos. Unicamente chega ao Corvo aquilo que é imposto por lei e que é obrigatório.

A partir daí, nenhum governo se esforçou para que passe para além disso.

O ensino é a base de qualquer sociedade e os corvinos, neste campo, ficam muito aquém das restantes ilhas e até de muitos concelhos.

Eu vou lutar para que os alunos do Corvo continuem na sua terra, porque na minha opinião a ilha perde em todos os aspectos, tanto a nível cultural, como a outros níveis.

Os alunos do Corvo se tivessem essa oportunidade, sentiriam-se melhor na sua ilha e aqueles que não querem sair de lá, poderiam frequentar o ensino.

Eu tenho a certeza que com um bocadinho de esforço, algum sacrificio deste Governo, chegaríamos mais além e poderíamos ir até ao 12º ano, o que não era demais. Nós temos que ver que o Corvo é uma ilha isolada.

Falta boa vontade por parte do Governo, mas parece que o Sr. Secretário não a tem.

**Deputado Dionísio Sousa (PS):** É muita sabedoria!

**O Orador:** Eu respondo também ao seu aparte.

O Sr. Deputado faz-me lembrar o escritor Fernando Da Costa, quando diz no seu livro que o Corvo é a Ilha da sabedoria. Eu fico grato por isso.

Se o Corvo é a ilha da sabedoria, mesmo sem o ensino e com a má política de ensino que este Governo vai tendo, se houvesse uma boa política de ensino naquela ilha, o Corvo não seria a ilha da sabedoria, mas sim uma ilha que poderia ir mais além.

**Deputado Dionísio Sousa (PS):** Mas isso não quer dizer que todos os corvinos são sábios!

**O Orador:** Não, nem todos são sábios. Isso é verdade e eu não estou aqui para responder aos seus apartes.

Eu acho que o Governo deveria fazer um esforço para que realmente o ensino fosse mais além.

Eu poderia enumerar aqui um sem número de muitos assuntos que faltam resolver no Corvo, mas não foi com essa intenção que me levantei, mas sim depois deste assunto que já foi hoje levantado aqui várias vezes e o Sr. Secretário, infelizmente, não deu nenhuma resposta positiva para uma área que é de primeira necessidade naquela ilha. Isto faz-me lembrar um pouco a política de ensino que tínhamos no Corvo, um pouco antes do 25 de Abril. Na década de 50, haviam alunos que tinham que fazer a 4ª classe, mas apoiados por um professor que vinha de outra ilha. Muitas vezes a Câmara Municipal ou a Junta Geral não disponibilizavam verbas para que esse professor se deslocasse ao Corvo e muitos alunos ficavam sem a 4ª classe.

Nos dias de hoje eu quero crer que se pode dar uma volta muito grande nesta matéria e tentar resolver este assunto que é de primeira necessidade para os corvinos.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Francisco Sousa.

**Deputado Francisco Sousa (PS):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo, Sr. Deputado António Meneses:

Eu também não posso ficar calado em nome da verdade, porque naturalmente sou um dos mais velhos da Casa.

Eu lembro-me perfeitamente das primeiras vezes que falei, não neste edifício, mas no edifício que fica situado mais abaixo, e Sua Exa., o Presidente do Governo da altura, por mais que uma vez, disse-me que não me preocupasse porque iam fazer o pretendido dali a 6 meses, um ano, seria obra do PSD e nunca do PS e muito menos por iniciativa PS.

Muitas foram as vezes, onde tendo feito propostas absolutamente correctas e válidas nesta Casa, elas não foram aceites porque vinham do PS.

V. Exa. diz que — eu tomei nota para não me esquecer das suas palavras — "vínhamos todas as vezes a esta Casa".

Eu ainda tenho bem presente muitos dos debates que fiz com vários deputados, vários secretários da educação e tenho bem presente muitas das vezes onde não pude debater, porque o Sr. Secretário não estava cá, não vinha cá.

Eu lembro-me de uma vez em que estando em debate com o Sr. Secretário da Educação da altura, ele decidiu responder-me que só falava das suas quatro folhinhas que tinha presente e mais nada me dizia.

Isto está no Diário das Sessões, está registado e devo dizer que foi uma das situações mais embaraçosas para mim, porque nunca me tinha passado pela cabeça que houvesse um secretário que se pudesse dar ao "luxo" — é a única palavra que me ocorre agora — de dizer que nem respondia ao Deputado para além das suas quatro folhinhas.

Sr. Deputado António Meneses, a memória não pode ser curta, a memória serve para, como os professores — deixe-me chamar para aqui esta situação — fazem no seu dia-a dia, avaliar.

Para avaliar, avalia-se o ontem, o hoje, o que se sabia com o que não se sabe, o conhecido com o desconhecido.

Nós temos que avaliar sempre com os Governos anteriores do PSD.

É por isso que — e também para responder ao Sr. Deputado José Maria Bairos e ao Sr. Deputado João Greves — somos diferentes.

O Partido Socialista é diferente!

O Governo Socialista é diferente nesta área!

**Deputado António Meneses (PSD):** Para pior!

**O Orador:** Desafio todos os senhores deputados a verificarem o edifício legislativo feito por este Governo e por esta Assembleia na área de educação e a verificarem se houve alguma legislatura em que se verificasse mais transformações na educação desta Região.

Vou dar vários exemplos para nos entendermos:

Quando este Governo entrou em funções no dia 9 de Novembro de 1996, não havia gestão democrática nas escolas. Agora, passou a haver.

Quando este Governo tomou posse, os poderes instituídos dentro da educação, ficavam a léguas das escolas. Normalmente, alguns deles até ficavam nas ilhas vizinhas, como por exemplo, os professores do Pico tinham o seu chefe na Horta, tal como os das Flores e do Corvo.

Um professor das Ilhas do Corvo ou das Flores que tivesse um simples recibo médico para mandar para a ADSE, tinha que mandar para a Direcção Escolar da Horta, que por sua vez enviava para Ponta Delgada que enviava para ADSE, em Alvalade.

Hoje, os professores do Corvo ou das Flores mandam directamente para os serviços.

Hoje, esses professores são os únicos responsáveis pela gestão da escola, pelos próprios equipamentos, pela gestão dos espaços, pela selecção de pessoal auxiliar, do não docente e do docente, situação que há 4 anos atrás não era possível.

Porque somos diferentes, defendemos e estamos a executar uma política educativa diferente. Logo, dissemos desde o princípio que não queríamos escolas enormes, mas sim pequenas.

Fizemos uma escola no Corvo que já está em funcionamento. A da Maia e a das Furnas estão em construção e entrarão em funcionamento em Setembro.

Portanto, somos diferentes.

Somos diferentes, porque quando tomámos posse no dia 9 de Novembro de 96, a pior rede de edifícios existente no país a nível do 1º ciclo era nos Açores.

Os senhores que aí estão sentados e que estavam sentados aqui, lembram-se perfeitamente de várias intervenções que aqui fiz, em que apontava desde as faltas mais graves às mais simples, desde salas de aulas que não eram utilizadas nas escolas do 1º ciclo, porque os tectos estavam para ruir e estavam espedrados, até instalações sanitárias altamente degradadas.

Este Governo teve uma opção clara: é preciso ampliar, remodelar toda a rede do 1º ciclo e fê-lo.

**Deputados José Maria Bairos e Duarte Freitas (PSD):** Não é verdade!

**O Orador:** Há concelhos desta Região que hoje têm todas as escolas reconstruídas.

Este ano e no próximo ano lectivo, toda a rede do 1º ciclo ficará reconstruída nesta Região. Posso dar um exemplo, porque não gosto de ver cabeças a acenar.

**Deputado José Maria Bairos (PSD):** Pode dar os exemplos que quiser!

**O Orador:** O concelho da Calheta de São Jorge não tinha uma escola reconstruída, ampliada, no dia 9 de Novembro de 96.

Hoje, é ver o que foi feito e, até em ar de brincadeira, os nomes que dão a algumas dessas escolas.

Este Governo foi diferente! Nós somos diferentes!

Somos diferentes, porque a nossa audição aos parceiros sociais também é diferente e a participação das pessoas também o é.

**Deputado Victor Cruz (PSD):** Viu-se!

**O Orador:** Viu-se sim, Sr. Deputado Victor Cruz e o senhor também viu!

Este Governo foi o primeiro, em 20 anos de autonomia...

**Deputado Victor Cruz (PSD):** A colocação de professores é obra do PSD!

**O Orador:** Eu já lhe respondo sem problema nenhum e até tenho aqui provas, se quiser.

Como estava a dizer, este Governo foi o primeiro que conseguiu sentar os 3 sindicatos dos professores e com eles assinar acórdãos. Foi este o primeiro que conseguiu!

Se alguém assinou e não sabia o que é que estava assinando, eu tenho que lamentar.

**Deputado Victor Cruz (PSD):** Eu já respondo a isso!

**O Orador:** Responda a isto que eu tenho tudo aqui na frente.

**Deputado Victor Cruz (PSD):** Eles já responderam!

**O Orador:** Não, eles não responderam e por uma razão muito simples: é que este Governo não enganou ninguém. Desde o primeiro dia e desde a primeira proposta que fez sobre a matéria de concursos, foi sempre a mesma situação em relação àquilo que o Sr. Deputado está a falar.

**Deputado Victor Cruz (PSD):** O Governo não enganou ninguém, enganou-se!

**O Orador:** Não se enganou e tanto não se enganou que já fechou a primeira parte do concurso e só foi excluído um professor, quando toda a gente dizia que iam ser excluídos do concurso montanhas de professores. Apenas **um** foi excluído dos concursos.

Portanto, estamos à vontade para dizer que mesmo aí, a oposição também se enganou.

Sr. Deputado José Maria Bairos, felizmente, nós somos diferentes na educação e congratulo-me com isso.

Repito uma vez mais que saio desta Casa muito satisfeito, porque o meu Governo modificou completamente o sistema educativo desta Região.

*(Aplausos dos deputados da bancada do PS e dos Membros do Governo)*

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado José Maria Bairos.

**Deputado José Maria Bairos (PSD):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Eu não vou fazer uma análise de tudo aquilo que o Sr. Deputado Francisco Sousa disse...

**Deputado Dionísio Sousa (PS):** Não sabe fazer!

**O Orador:** ... mas há aqui duas questões que eu não posso deixar de responder.

No que se refere à recuperação das escolas e das ampliações do 1º ciclo do ensino básico — foi isto que eu disse na minha intervenção e se não ouviu bem eu volto a repetir — a medida não foi deste Governo, não foi da Secretaria. Esta medida já vinha detrás.

Pela primeira vez foram afectos ao orçamento da Região Autónoma dos Açores 22 milhões de contos, disponibilizando-se 500 mil contos em 1996, para o projecto de recuperação das escolas do 1º ciclo do ensino básico. Foi isto que eu referi.

Eu falei na medida, ou seja, que ela não tinha sido criada por este Governo. De facto, não percebeu aquilo que eu disse.

Ao nível de todo o edifício legislativo que referiu, frisando que este Governo é diferente e que todos estão contentíssimos, eu refiro apenas aqui os vários abaixo-assinados, os diversos pedidos de audição dos vários grupos parlamentares, os problemas que se levantaram na colocação de professores, os problemas que se colocaram e continuam a colocar-se na fixação dos mesmos, e os professores do 1º ciclo do ensino básico até abaixo-assinados têm neste assunto, o problema dos deficientes, ou seja, todo o diálogo que V. Exa. referiu e que acabou de dar aqui exemplos, na prática, das duas uma, ou foi num sentido e aplicou-se a legislação noutro, ou então o diálogo não foi aquele que as pessoas queriam ouvir, porque na implementação do tal edifício legislativo, ninguém estava de acordo. Esta é uma realidade.

Durante meses, nós vimos todas as manifestações que se realizaram por esta Região, contra essas políticas que tinham sido implementadas. Esta foi a realidade que nós vimos a qual não podemos negar, porque os próprios grupos parlamentares têm conhecimento, porque receberam abaixo-assinados, pedidos de audição e inclusivamente houve situações aqui das pessoas mandarem os abaixo-assinados

dirigidos até à própria Assembleia dizendo que não concordavam com as medidas que tinham sido implementadas.

Portanto, aquilo que eu disse na minha intervenção, foi que grande parte deste diálogo tinha duas opções, em primeiro lugar, para que os problemas deslizassem no tempo e não se criasse uma acção, em segundo lugar, ter-se o diálogo num sentido e optou-se por aplicar a legislação no sentido contrário.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Secretário Regional Adjunto.

**Secretário Regional Adjunto da Presidência** (*Francisco Coelho*): Sr. Presidente, Srs. Deputados, Sr. Deputado António Meneses:

Apenas uma pequena lembrança que me parece importante.

Embora seja uma questão colateral, ela é fundamental no funcionamento da nossa democracia, foi levantada quer pelo Sr. Deputado José Maria Bairos, quer pelos Srs. Deputados Manuel Serpa e António Meneses e prende-se com a presença necessária do Governo em plenário e em Comissões, no sentido de permitir às diversas oposições, como é fundamental em democracia, o cabal exercício do seu direito de fiscalização política do Governo.

Eu tenho a certeza que desde Fevereiro de 98, que me lembre, o Governo Regional dos Açores esteve apenas uma tarde representado aqui por um Secretário, o Secretário dos Assuntos Parlamentares. Foi no último dia da sessão plenária de Março de 98.

Tirando essa tarde, o Governo Regional esteve sempre aqui representado por mais que um secretário, em número variável, inclusive, algumas vezes, pelo Governo Regional na sua composição completa.

Atrevo-me também a pensar que essa presença tem permitido, em regra, de forma genericamente satisfatória, o exercício do direito de fiscalização política pelas oposições.

Atrevo-me a pensar assim, entre outras coisas, porque como sabem, o actual Regimento da Assembleia Legislativa Regional, prevê — e bem — que, se necessário for, qualquer partido pode requerer ou fazer uma interpelação ao Governo, exigindo a presença do membro do executivo que achar conveniente neste plenário, para responder às questões que forem levantadas.

O não exercício até hoje deste direito, leva-me a concluir — e ainda bem — que, em termos genéricos, a presença do Governo nos plenários, como também é seu dever, tem permitido aos partidos da oposição, satisfazerem de forma positiva, o seu direito político de fiscalização do Governo.

Muito obrigado.

**Deputado Herberto Rosa (PS):** *Muito bem!*

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado João Cunha.

**Deputado João Cunha (PSD):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Pedi a palavra na sequência da intervenção do meu colega de bancada José Maria Bairos e também na sequência de tudo aquilo que foi dito aqui após essa intervenção. Não gostaria de deixar passar em claro os comentários feitos, em especial pelos Srs. Deputados José Humberto Chaves e Francisco Sousa.

Sr. Deputado José Humberto Chaves, quanto a obras mal feitas, eu concordo com o Sr. Deputado quando diz que o PSD fez algumas, mas ainda bem que as fez, porque agora este Governo tem a oportunidade de fazer os anexos a essas obras.

Repare em mais uma coisa:

Outro dia, por exemplo, foram inauguradas obras e eu já referi isso aqui.

Obras mal feitas, que este Governo em tão pouco tempo fez.

O Sr. Deputado compreenderá isso perfeitamente.

Outro dia na minha ilha, por exemplo, inauguraram-se casas de aprestos sem electricidade, sem casas de banho. Cá está um exemplo de uma obra inacabada e inaugurada à pressa. É preciso conquistar votos, meus senhores, de maneira que se fazem coisas destas.

Sr. Deputado Francisco Sousa:

Em abono da verdade, o PS é diferente a nível do Governo, daquilo que foi o PSD como Governo.

O PSD trazia sempre um dos Srs. Secretários que normalmente — eu sou novo nestas andanças, mas devo dizer que apanhei o anterior Governo e sempre me lembro — no plenário respondia pelo governo.

Quando não sabia, anotava as perguntas e posteriormente eram dadas respostas, às vezes não as respostas que os senhores pretendiam, isso também é verdade, mas isso é o que se passa agora.

Este Governo do PS é diferente do PSD, por mais uma razão:

O Sr. Deputado ficou embaraçado com certas situações. Eu também já fiquei e muita gente nesta Casa ficou e até os senhores, daí que normalmente defendam este Governo. Também ficaram embaraçados, quando um dia trouxe aqui problemas relacionados com a saúde na minha terra e sabe o que é que aconteceu?!

O Sr. Secretário que tutela a área, foi-se embora por aquela porta fora e o Sr. Deputado julgo que sentiu vergonha.

Cá está mais uma nota da diferença entre um Governo e o outro.

Mas ultrapassadas estas questões eu pedi também a palavra para comentar uma situação que começa a ser caricata na minha terra.

Todos se recordam que há duas semanas atrás, ou há 3, não posso precisar, na Graciosa faltava um piloto que deveria atracar o barco no porto comercial da Praia da Graciosa.

O que é um facto, é que hoje era dia de escala do barco, naquela ilha e novamente, faltou o piloto.

A notícia outro dia correu célere e a própria televisão trazia, em primeira mão, aliás nesse dia era a única notícia que não era favorável ao Governo, ou por outra, que não fazia propaganda deste Governo Socialista, era a única nesse dia.

**Deputado Duarte Freitas (PSD):** Foi uma coisa excepcional!

**O Orador:** Foi excepcional!

Mas rapidamente e no fim do Telejornal, apressaram-se a desmentir que afinal o piloto para fazer o serviço do barco na Ilha Graciosa, já tinha aparecido.

Cá estava mais uma vez a propaganda ao serviço do Partido Socialista e do seu Governo.

Hoje, o barco não foi à Graciosa devido à falta de piloto.

Esta é uma situação que já incomoda os comerciantes graciosenses e a sua população, porque começam a faltar alguns dos géneros de que ela precisa. Isto já

não acontecia naquela ilha há algumas décadas. Desde que o porto comercial começou a operar, na Graciosa não aconteciam estas coisas.

Quem perde com isto, é a população da Graciosa e os seus comerciantes.

Eu, anteriormente, já falei nesta questão e em particular ao Sr. Secretário e ele próprio, daquela cadeira, ali na frente, prometeu-me que essa situação seria ultrapassada.

O que é facto, é que cada semana que passa, os comerciantes da Graciosa andam com o *coração na boca*, porque não sabem se o barco vai operar ou não devido à falta de um piloto.

O senhor disse-me, e recorda-se perfeitamente disto, quando viajávamos há duas semanas para São Miguel, no mesmo avião, lado a lado, que o problema era da marinha.

Eu sei que é da marinha.

É um problema que compete resolver através da marinha.

Sr. Secretário:

Nós temos um Governo é para isto, é para nos governar e se o problema é da marinha, o problema é também do Governo Central, porque é necessário que se ultrapasse toda esta questão, para que os graciosenses não andem de *coração na boca* relativamente ao barco que visita aquela ilha, e que é necessário que lá possa operar.

É este problema que eu gostaria de trazer aqui à colacção, para que o Sr. Secretário possa, a mim e a todos os membros da Câmara, esclarecer esta situação e que deixo ficar aqui ao mesmo tempo que deixo o pedido de que ela seja ultrapassada, a fim de beneficiar os graciosenses que são tão açorianos como os demais.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Manuel Serpa.

**Deputado Manuel Serpa (PS):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Houve aqui uma referência ao passado. Estabeleceu-se uma comparação.

A minha intervenção fica nestes limites: há um contraste flagrante entre aquilo que eu conheci no passado, nalguns períodos do passado para ser correcto, e o que acontece agora. Vamos ser claros e pragmáticos.

Durante anos, e eu quero lembrar a todos os senhores deputados, havia apenas 5 sessões durante o ano e o Governo de então entendeu que bastaria um representante seu na Assembleia e eu encontrei-o só durante sessões e mais sessões a representar o Governo.

Esse contraste do que acontece agora é flagrante a favor deste Governo. Não podemos sair daqui. Temos que ser claros, objectivos e verdadeiros.

A minha intervenção cingiu-se apenas a este aspecto.

O Sr. Deputado lançou um desafio.

Eu acho que o Governo deve estar presente na Assembleia. O Governo tem vindo, na medida das suas possibilidades, mas compare com o que acontecia em 5 sessões por ano desta Assembleia.

Que filosofia é esta que entendiam que durante um período legislativo bastaria um indivíduo de bloco na mão a representar o Governo inteiro?

O contraste é flagrante, a diferença é abissal.

Este Governo, em relação a estes períodos, — a minha intervenção cingiu-se a esse aspecto — está, sem dúvida, muito à frente daquilo que aconteceu no passado.

Fez-se uma referência ao passado e a verdade é que quem conhece o passado e conhece o presente, tem que dizer que não há comparação possível.

**Vozes dos deputados da bancada do PS:** *Muito bem! Muito bem!*

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Victor Cruz.

**Deputado Victor Cruz (PSD):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Peço a palavra para precisar algumas coisas, lembrar outras e deixar no ar uma pergunta que, confesso, mais importante do que alimentar qualquer contraste argumentativo e político-partidário, pretende alcançar uma verdadeira resposta sobre aquilo que são as competências e a forma de concretizar as competências da fiscalização deste Parlamento em relação ao Governo.

Precisar, antes de mais, que me parece evidente que nem o Estatuto Político-Administrativo, nem as indicações constitucionais nessa matéria, nem a própria prática política, nem o exercício diário quotidiano das funções governativas, podem

obrigar a uma presença total e absoluta de todos os membros do Governo nas Sessões Parlamentares.

Portanto, o PSD nunca disse, nem julgo que é razoável dizer-se aqui, que é imprescindível, lamentável e merece protesto, a ausência do Sr. Presidente do Governo em determinadas circunstâncias, bem como a ausência de determinados secretários regionais.

É bom que se diga que o Partido Social Democrata, só ontem, e em primeiro lugar pela minha voz, de forma mais formal, criticou a ausência que agora felizmente se está a desmentir, do Sr. Presidente do Governo nestas sessões, porque nós devemos todos entender que o Governo não tem a obrigação estatutária de estar na sua plenitude durante as sessões parlamentares.

Coisa diferente é pensar que essa presença permite a resposta atempada, o debate em cima dos argumentos e dos dias, coisa que evidentemente um determinado Secretário se não estiver aqui, qualquer deputado da oposição coloca uma pergunta e é evidente que o Secretário que representa o Governo, não tem possivelmente capacidade para responder de forma imediata.

Infelizmente, se calhar, subtraímos das nossas preocupações de Revisão do Estatuto Político Administrativo, essa preocupação.

Há sistemas do Governo que funcionam de outra maneira, como por exemplo em Inglaterra e em muitos outros sítios. Por vezes, há constituições, leis fundamentais, que obrigam a presença do Presidente do Governo, ou de todos os membros do Governo, periodicamente, de x em x tempo.

Por exemplo, na própria Assembleia da República, há exigências nesse sentido, em determinadas circunstâncias.

Confesso que não faço nenhuma crítica em especial, mas a verdade é que não fomos por esse caminho na Revisão do Estatuto Político-Administrativo dos Açores.

Por isso mesmo, fica lançado o desafio: se nós temos vindo a sentir esta dificuldade, talvez a forma mais séria de ultrapassarmos é tentar de forma legal, numa futura Revisão do Estatuto Político-Administrativo, ultrapassar as dificuldades que agora sentimos.

Eu gostaria de precisar que o PSD nunca criticou a ausência conjuntural de uma sessão de 2 secretários, 3 secretários ou do Sr. Presidente do Governo. Aquilo que criticámos e voltamos a sublinhar, aquilo que estranhamos e voltamos a estranhar, é a ausência — não sei quantas, não quero mentir, mas foram várias, não foi uma, nem duas ou três — do Sr. Presidente do Governo nas últimas sessões.

A pergunta que gostaria de deixar — já que está aqui o Sr. Presidente do Governo dirijo-a a ele — é se essas ausências são tão frequentes nos últimos tempos, o que é que revelam? Qual a razão que elas revelam?

O Sr. Presidente do Governo — o Governo! — entenderá que está suficientemente representado para efeitos de resposta político-partidária, pelos outros membros do Governo?

Se a resposta é sim, então pensar-se-á que, de acordo com o Sr. Presidente e com o Governo, a sua principal figura pode estar subtraída a este exercício parlamentar de fiscalização permanente nas sessões plenárias.

Eu gostava de saber a resposta, porque, devo dizer-lhe — e o Sr. Presidente do Governo chegou a telefonar para este telefone para justificar a sua ausência, mas não o faz sempre e não estou a dizer que o tem que fazer — a verdade é que nos últimos largos meses, pura e simplesmente, não apareceu. Porquê?

Por alguma razão especial?

Porque tinha algo a fazer cuja importância se revelava claramente superior à sua presença no Parlamento?

Esta é a nossa pergunta e é isso que interessa avaliar e alcançar, porque a presença de todos os membros do Governo em todas as sessões, se o Estatuto não obriga, nós não podemos criticar. Às vezes, até compreendemos que não estejam aqui, porque há uma ou outra questão de agenda que não o permite, até mesmo por causa da geografia dos Açores. Agora não aparecer tantas vezes seguidas, parece-nos que já revela uma outra preocupação para o funcionamento da Assembleia e isso preocupamos.

Há outra questão que é bom lembrar e relembro com todos os riscos que daí podem decorrer para qualquer possível autocrítica destas minhas palavras.

Fala-se muito — e foi falado pelo Sr. Deputado Manuel Serpa — no contraste com o passado, a fruição do contraste. Devo dizer que, no nosso tempo, muitas vezes esteve aqui um Secretário, mas também muitas vezes esteve um, dois e três Secretários, nomeadamente, como bem se lembra, o Secretário de então da Agricultura, tinha a sede da sua Secretaria na Horta e vinha cá muitas vezes, portanto, não é verdade que por diversas vezes esteve presente apenas um secretário.

Eu quero fazer aqui justiça e, em certo sentido, prestar uma homenagem. Estão todos a esquecer-se do VI Governo Regional.

Devo dizer, correndo alguns riscos de autocritica, que nessa matéria, enquanto cá estive, o VI Governo Regional presidido pelo agora Deputado Alberto Romão Madruga da Costa, deu o melhor exemplo da presença no Parlamento de um Governo. O Sr. Presidente do Governo estava cá sempre, com todos os elementos que faziam parte do seu executivo.

Este Governo, foi do PSD, também faz parte do passado e ajuda a fruir um constaste inclusive com o actual Governo.

Se me perguntar, — eu não sou dos primeiros tempos — qual foi o Governo que nesta matéria teve uma presença institucional mais adequada com as preocupações dos Srs. Deputados, eu dir-lhe-ei que foi o VI Governo Regional, presidido por Alberto Romão Madruga da Costa, e lembro-lhe que foi um Governo do Partido Social Democrata.

**Vozes dos deputados da bancada do PSD:** *Muito bem! Muito bem!*

*(Aplausos dos deputados da bancada do PSD)*

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Francisco Sousa.

**Deputado Francisco Sousa (PS):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Sr. Presidente do Governo Regional, Carlos César, Srs. Secretários Regionais:

É de propósito que me refiro ao nome do Sr. Presidente do Governo. Ele está cá.

Começaria por um pequeno aparte ao Sr. Deputado Victor Cruz.

No mandado do VI Governo Regional, foi atribuído um título ao Sr. Presidente do Governo Regional nos órgãos de comunicação social, não sei se se lembra.

O Sr. Presidente, nessa altura, foi tido como *o viajante*, exactamente porque passou muito tempo fora da Região — isto é um simples aparte e vou seguir prestando os esclarecimentos que pretendia ao Sr. Deputado José Maria Bairos.

No que diz respeito aos concursos, gostaria de lhe dizer que se entende que não houve diálogo, eu repito uma vez mais que houve diálogo durante mais de 2 anos, com múltiplas propostas, com múltiplas reuniões, que foram tornadas públicas através de comunicados e os sindicatos deram as suas conferências de imprensa. Eu estou à vontade para dizer que o diploma dos concursos teve várias versões e desde a primeira versão, o artigo que mais polémica veio a levantar e deu direito a abaixo-assinados, foi o artigo que o próprio PSD, quando apresentou aqui a proposta de resolução para se alterar o concurso, frisou que nele não se mexia.

Esse artigo tinha uma virtude e teve, ou seja, colocou nos quadros das escolas 349 professores desta Região que de outra forma dificilmente entrariam e muitos deles nunca entrariam nos quadros das escolas.

Essa é uma medida que me agradou e julgo que terá agradado muitos professores, porque de outra forma não teriam tido acesso aos quadros de escola.

Disse que o diálogo não correspondeu à legislação ou a legislação não correspondeu àquilo que deveria ter sido implementado.

Devo dizer que o aviso de abertura do concurso corresponde na íntegra, ao diploma aprovado nesta Casa e àquilo que eram as linhas desse diploma, tendo garantido que todos os professores do quadro de escola ou dos quadros de zona pedagógica, de qualquer parte do país, concorressem para a Região e permitia a colocação na Região nos lugares de quadro.

Digo-lhe uma vez mais que de todos os candidatos, apenas um foi excluído. Logo, penso que os mecanismos criados são correctos, positivos e corresponderam ao objectivo previsto, ou seja, permitir que houvesse a mobilidade no todo nacional e uma mobilidade entre os quadros dos professores da Região.

Houve abaixo-assinados? Houve. Mas também é verdade que alguns dos professores desses abaixo-assinados, ficaram admirados quando se viram colocados em escolas, porque pensavam que iam ser excluídos.

Isto tanto é verdade, que alguns deles agora começam a estar preocupados com outras situações.

A nossa realidade é que houve uma mudança radical em toda a filosofia do sistema educativo nesta Região. A prova é que houve diplomas que vieram a esta Casa, que revogaram diplomas, que já tinham dúzias de anos e mudámos o sistema em situações que vinham desde 1940 e algumas delas dos anos 30.

Essa mudança podia ter sido feito por anteriores governos, mas não foi feita. Nós, com os nossos compromissos eleitorais, comprometemo-nos a modificar e modificámos.

Por isso, considero que, por exemplo, a Carta Escolar, é um documento que permite perceber a linha de rumo, no que diz respeito às construções e à organização do sistema escolar nesta Região para os próximos anos. Ela está feita de acordo com aquilo que nós próprios defendemos em campanha eleitoral, no programa do Governo, ou seja, a criação de escolas pequenas, com administração junto dos alunos, com a participação dos alunos, pais e encarregados de educação, professores, pessoal não docente, autarquias locais, associações culturais, recreativas, desportivas e sociais. Conseguiu-se isto.

Algumas não estão implementadas. Por exemplo, os conselhos locais de educação infelizmente e nalgumas escolas, nalgumas áreas escolares, ainda não estão implementados, mas há condições para que todos participem. Até há 4 anos atrás, isso não era possível.

Eu estou satisfeito com isso que foi feito, porque foi uma mudança radical.

Percebo que numa primeira fase tenha havido alguns professores, algum pessoal não docente, alguns pais, alguns alunos, que tivessem ficado preocupados com toda esta mudança, mas a prova está dada e hoje até o Grupo Parlamentar do PSD e os sociais-democratas, na generalidade, aceitam a maioria destas transformações, participam nelas, colaboram e concretizam-nas.

Ainda não foi há muitos dias que o Presidente do PSD/Açores, também em conferência de imprensa, na televisão, anunciou a criação do Conselho Local de Educação de Ponta Delgada — isto foi notícia.

Foi nesta Casa e por proposta do Governo que eles foram criados nesta Região, mas ele apareceu na televisão — e bem — a dizer que tinha constituído o Conselho Local de Educação do Concelho de Ponta Delgada.

Isso só foi possível, porque o Grupo Parlamentar do PS e o seu Governo apresentaram propostas para isso. De outra forma, não teria existido. Podia ter sido criado pelo PSD, mas nunca o foi.

Nisso fomos bastante diferentes e somos bastante diferentes.

Insatisfação, garanto-lhe que haverá sempre e por uma razão muito simples, ou seja, cada vez que este Governo e este Grupo Parlamentar satisfizerem uma necessidade de um açoriano ou dos açorianos, é inevitável que se criará nova necessidade.

Este Governo, ao construir a escola do Corvo, colocou lá, pela primeira vez, professores profissionalizados na sua totalidade. Pela primeira vez, tem uma escola a funcionar que corresponde à realidade corvina.

É inevitável que a partir do momento em que os corvinos viram ser ministrado o 9º ano, já não é preciso, como disse o Sr. Deputado João Greves, que alguém de outra ilha dispense um elemento para lá ir fazer qualquer coisa relacionada com o ensino — não é preciso porque o seu corpo docente corresponde às necessidades da ilha.

Este Governo também criou as bolsas de estudo para os alunos do ensino secundário, para que lhes seja garantido o mesmo direito que têm todos os açorianos no acesso ao ensino secundário.

Continuo a dizer que estou de acordo com o Sr. Secretário, por isso considero que não é possível, no sentido de haver o êxito total, a criação do ensino secundário no Corvo para 4 ou 5 alunos, nem é correcto, desde logo porque eles não terão possibilidades de escolha das várias opções que existem fora da sua ilha.

Garanta-se a esses alunos o acesso e sucesso educativo fora da ilha, dando-lhes condições para isso, e eles serão melhor servidos em termos de ensino, do que se criar apenas, por exemplo, um só agrupamento do ensino secundário no Corvo. Isso acarretaria custos que não acredito que sejam correspondentes aos benefícios que se pretendem atingir.

Penso que o Corvo, neste caso, está bem servido com a sua nova escola e está bem servido quando tem condições para que os seus jovens possam, em qualquer ilha dos

Açores, frequentar o ensino secundário, porque eles têm, em relação a outros açorianos, vantagens, porque podem escolher a escola que quiserem, pelo agrupamento que quiserem, enquanto que há outros jovens de outras ilhas que não o podem fazer, porque não há todos esses agrupamentos nas suas ilhas.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Aurélio da Fonseca.

**Deputado Aurélio da Fonseca (PSD):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente do Governo, Srs. Membros do Governo:

Nesta linha de esclarecer aqueles que são mais novos nesta Casa e dentro da mesma obrigação que foi aqui enunciada por outros que me antecederam, eu gostaria de trazer "à baila" aquelas situações que, sistematicamente, não são apontadas, não são focadas na mesma linha, aquelas que servem para branquear ou ocultar a ineficácia, a falta de cumprimento de promessas deste Governo, são sempre aqui trazidas.

Nesta linha de verdade, de esclarecimento pedagógico, eu gostava de lembrar o porquê, por exemplo, do estado a que chegaram as escolas do 1.º ciclo do básico, os tais vidros que eram para substituir e levaram imenso tempo para ser, os telhados que precisavam de telhas, ou seja, tudo aquilo que o Sr. Deputado Francisco Sousa gosta muito de lembrar nesta Casa.

Portanto, gostaria de relembrar que essa situação era paralela a outra que nunca deixou de ser elogiada, até mesmo pelo Sr. Deputado Francisco Sousa, e que se referia na mesma área — educação pré-escolar e 1.º ciclo do básico — ao trabalho notável que foi feito a nível da rede da educação pré-escolar nesta Região, com o desafio que em simultâneo se colocou aos gvernos de então com o alargamento da escolaridade obrigatória até ao 9.º ano, o que nos levou, por não haver verbas que esticassem para tudo, a levar o grosso do esforço, nesses anos, para os laboratórios de física, química, biologia, salas de informática e multimédia, sala de educação visual e tecnológica e todas as outras centenas de salas que foram acrescentadas nas várias ampliações e melhorias que foram sendo introduzidas na rede até ao 3.º ciclo do ensino básico, em simultâneo pelo menos com uma grande escola por mandato.

Já o disse aqui e volto a repetir que o PSD, que agora sistematicamente é acusado de nunca ter feito nada e só agora é que se está a fazer tudo, pelo menos em paralelo com todas estas áreas de intervenção, foi deixando em cada mandato uma grande

escola, aquelas que servem de exemplo da Região junto de qualquer outro distrito do Continente ou por esse mundo fora.

Volto aqui a falar na EB-3/S das Laranjeiras, na EB-3/S Cardeal Costa Nunes, na Vitorino Nemésio, que foram sendo feitas paralelamente em simultâneo com este grande desafio que foi colocado na rede e que permitiu que agora se avançasse para um outro sector que penosamente padeceu — e eu era o primeiro a reconhecê-lo— face a este outro grande desafio que nos era colocado e que não podia ser de forma alguma protelado ou deixado de lado.

É evidente e convém que seja dito, que esse sinal de mudança também foi dado por nós e voltamos aqui a referir o VI Governo da responsabilidade do nosso companheiro Alberto Romão Madruga da Costa, que foi o primeiro que deu um sinal de mudança. Aos 15 e 20 mil contos que durante anos tive para o 1º ciclo do básico — o que é que poderia fazer com esta quantia, Sr. Deputado Francisco Sousa?! — o VI Governo colocou 500 mil, meio milhão de contos.

O Sr. Secretário, e muito bem, foi "levedando" esse plafond inicial, indicativo que nós colámos e chegámos aos 700 mil agora, o que é excelente. Eu só tenho que me congratular com a continuação desse sinal vital que foi dado ainda pelo Governo do PSD nessa área.

Convém aqui voltar, mais uma vez, a dar razão àquilo que disse o meu companheiro José Maria Bairos, ou seja, este Governo, nesta matéria, tem funcionado como mera pagadoria.

Quem tem feito esse trabalho notável a nível das escolas do 1º ciclo do básico, têm sido as nossas Câmaras (14 do PSD e 5 do PS). Todas elas têm dado o seu melhor e a obra está à vista.

É trabalho das nossas Câmaras e a Secretaria tem sido apenas mera pagadoria.

A própria escola do Corvo de que os senhores tanto falam, também é trabalho da Câmara do Corvo. Os senhores pagaram, mas a Câmara é que a pôs de pé.

Vão ter as escolas das Furnas e da Maia, ninguém põe isso em causa, pela qual debatemo-nos durante tantos anos, mas entretanto outras valências importantes que deviam ter avançado e não avançam, continuam a marcar passo. Veja-se, por exemplo, Angra com a Escola Básica + Ensino Artístico, que está protelada para

2002 e continua com problemas na área do projecto que são do conhecimento público. O Sr. Secretário tem enunciado as dificuldades que têm tido na concepção e no projecto da escola.

Vejam-se determinadas intervenções que têm sido sempre proteladas e aquela que era o chamativo maior e que eu já trouxe a esta Casa e volto a lembrar, ou seja, a Francisco Ornelas da Câmara, cujos módulos continuam lá. Dizem-nos que no fim deste ano, mais próximo das eleições, vai-se começar a obra.

Os módulos continuam lá, mas muito pior do que estavam no nosso tempo, porque já têm mais todos estes anos em cima e os alunos continuam em condições piores do que estavam no nosso tempo.

Continuando a repor a verdade, a nova forma de gestão não foi introduzida por este Governo.

Os primeiros directores executivos e conselhos consultivos avançaram nesta Região pela mão dos governos do PSD, aliás, com a concordância do sindicato de que o senhor era Presidente.

Há que avivar a memória em relação às transformações que foram efectuadas quando foi extinto o Centro de Educação Especial, que foi transformado em escolas de educação especial e em concordância com os sindicatos que tínhamos na Região, não fizemos mais do que partir para uma experiência de introdução e colocar em funcionamento na Região o novo modelo de gestão com a concordância dos sindicatos.

O Sr. Deputado Dionísio Sousa não me desminta nisso, porque o senhor durante muitos anos disse que nós estávamos a dar os passos certos, que não estávamos a ser precipitados como no Continente. Eu ouvi isto muitas vezes da sua boca, verdade seja dita, mas fomos nós que pusemos em duas escolas — digamos que na altura era uma experiência piloto a funcionar nas escolas — do ensino especial, pela primeira vez, os conselhos consultivos, os directores executivos. Começou-se por lá e vinha a seguir a autonomia financeira.

Na altura, sempre se disse que quando fosse generalizado o modelo de gestão, era indispensável que se avançasse com a autonomia.

É faltar à verdade querer dizer que já não tinha sido criado todo um alicerce detrás que possibilitou este passo que agora foi dado e que vem na devida sequência.

O mesmo já não se passa em relação às situações de desinteresse, de desmotivação, de inquietação, que no nosso tempo nunca se viveram, em relação a situações que as vossas novas medidas, nalguns campos, vieram criar às escolas, causando-lhes hoje grandes problemas que serão ultrapassados com o tempo, mas que afligem os pais, penalizam os professores, dão a volta ao juízo a muitos auxiliares de acção educativa que, por justiça ao trabalho que eles desenvolvem nas escolas, merecem que alguém dê voz às suas inquietações.

Há situações penosas por que estão passando neste momento, nomeadamente com a decisão da extinção das escolas de educação especial, com a integração, até 98, de todos os alunos que podiam ser integrados, alguns casos — daquilo que eu já aqui disse e volto a usar a mesma fraseologia — integrações sem condições, autênticas integrações *selvagens* em escolas que não têm rampas de acesso, não têm salas de estimulação, não têm casas de banho adaptadas, em escolas em que os técnicos das equipas só vão lá de vez em quando, portanto, alunos que eram transportados todos os dias e faziam alguns quilómetros para vir para as ditas escolas, mas tinham apoio todo o dia. Agora, têm apoio 2 ou 3 vezes por semana ou algumas horas, com problemas graves de falta de meios, de recursos humanos e materiais para se lhes dar aquele mínimo que a sua deficiência merecia em respeito, em atenção, em condições dignas de estar nas escolas.

Isso, de facto, não tem sido tido na devida conta, mais todas as situações advenientes da integração de um elevado número de alunos — nós não estamos contra isso — com comportamentos de risco, com situações complicadas para as quais as escolas, neste momento, não têm condições de dar resposta e muito menos de aplicar as medidas educativas especiais previstas nos novos regulamentos disciplinares das escolas.

São essas situações que em nome da verdade, merecem ser aqui enunciadas.

Termino como de costume, para não dizerem sempre que o Aurélio da Fonseca traz aqui esses problemas, dando voz a outros que de uma maneira geral, ao longo de todo este tempo, têm vindo a juntar a sua à nossa voz no levantar desses problemas.

Cito aqui duas ou três frases do parecer dos trabalhadores, não docentes, da Ilha das Flores, em relação a esta situação dos alunos deficientes, daquilo que se sente na escola.

"O Sr. Secretário vai encher os quadros das escolas com psicólogos para os alunos considerados especiais.

Por favor, também não se esqueça de recrutar psiquiatras para os docentes e não docentes.

Já são alguns o número desses trabalhadores que estão recorrendo aos serviços desses clínicos.

Contudo, temos a certeza que é do conhecimento do Sr. Secretário, mas que não afecta a sua sensibilidade, porque decidiu avançar rapidamente com a nova reforma do sistema educativo em nome das boas intenções, mesmo que para isso se violem os direitos dos trabalhadores do ensino."

Referindo-se a outra situação dizem:

"A agravante das agressões, palavrões, provocações, gestos obscenos de que os funcionários são alvo diariamente dos alunos, sem nada poderem fazer para se defenderem, sendo ameaçados constantemente pelos mesmos."

Esta é a triste realidade que se vive nas nossas escolas dos Açores.

Não tente, Sr. Secretário, "tapar o sol com a peneira", dizendo que está tudo muito melhor.

Enquanto não voltar o civismo, a disciplina às escolas o que acho muito difícil num futuro próximo, não haverá harmonia, educação, nem instrução, nem as escolas serão um local desejável de se estar, nem de trabalhar, nem muito menos um local seguro para as crianças deficientes.

Tenho dito.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado José Nascimento Ávila.

**Deputado José Nascimento Ávila (PS):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Sr. Presidente e Srs. Membros do Governo:

Relativamente ao assunto da falta de piloto na Graciosa, eu concordo com a intervenção do Sr. Deputado João Cunha sobre esta matéria, porque é um problema que também me preocupa, como não podia deixar de ser.

Mas quero lembrar — porque é sempre bom — ao Sr. Deputado que este problema existe desde 1986, ou seja, há 14 anos.

Relativamente a esta problemática, quero também dizer que o Navio Vitorino Nemésio, que foi aquele que não chegou à Graciosa, é um navio de navegação costeira nacional e está registado como embarcação de tráfego local, tal como os Navios Paulo da Gama, o Espírito Santo e o Ponta da Barca. Isto quer dizer que não é exigível um piloto para atracar, tudo depende do comandante. Não é exigível, mas assiste o direito ao comandante de querer um piloto.

Por exemplo, ainda há bem poucos dias, o Golfinho Azul que tem 107 metros de comprimento, atracou às 2 horas da manhã no Porto Comercial da Praia, sem ter lá a presença de qualquer piloto. Aliás, o Navio Vitorino Nemésio já fez isto lá inúmeras vezes. E, estranhamente agora, isso não acontece.

Muito obrigado, Sr. Presidente.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Manuel Brasil.

**Deputado Manuel Brasil (PSD):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Eu gostaria de lembrar ao Sr. Deputado Francisco Sousa, que em relação às escolas do Concelho da Calheta, da Ilha de São Jorge, em nome da verdade, não foi só o Governo Regional que levou aquela obra a cabo.

O Sr. Deputado — desculpe-me, mas também em nome da verdade tem que ser dito — fez como o cuco, ou seja, quando põe os ovos no ninho das outras aves, exclui o dele e fica lá sozinho.

Como V. Exa. sabe, no concelho da Calheta, as escolas do ensino básico estão muito boas, mas graças a uma acção determinante da Câmara da Calheta que, monetariamente, contribuiu também, inclusivamente em todas as fases dessa obra.

É digno que se faça justiça a esse caso e que não se atribuam esses louros apenas ao Governo Regional, porque a obra não foi somente do Governo.

Na sua intervenção, o senhor esqueceu-se de dizer isso, porque não convinha. Estas são as tais coisas que em nome da verdade não mostram a realidade a que correspondem.

**Deputado Dionísio Sousa (PS):** Falta só 15% da verdade!

**O Orador:** É verdade, Sr. Deputado, são como as suas verdades que tanto no passado como agora têm muitos equívocos. Por isso mesmo, esses equívocos que mostram a verdade têm que ser aqui trazidos ou então não se fala em nome da verdade.

No mínimo, tenhamos alguns respeito em relação à verdade.

**Presidente:** Tem a palavra a Sra. Deputada Sandra Bessa.

**Deputada Sandra Bessa (PSD):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Sr. Presidente do Governo Regional, Srs. Membros do Governo, Srs. Deputados Manuel Serpa e Francisco Sousa:

A bem da verdade, os senhores falaram do passado.

Saibam que a experiência é uma coisa que eu respeito muito e tento aprender com os mais experientes, quer da minha bancada quer das outras bancadas.

Gostava que vissem a perspectiva do presente, que só não interessará se partirem do princípio que há deputados mais deputados do que outros.

Embora tenha vindo no final da legislatura, levo a sério o meu papel. Sou deputada pela primeira vez e apenas desde Outubro.

Posso garantir-vos que desde a discussão do último Plano e Orçamento, é a primeira vez que vejo o Governo tão bem representado.

Para vós pode não chocar.

A mim choca-me e decepciona-me, porque nunca pensei que continuaria a ver o Sr. Presidente do Governo e alguns Secretários Regionais, mais pela televisão do que na Assembleia. Nunca pensei ver o Sr. Presidente do Governo Regional a responder a questões desta Casa pela televisão, sem ter o prazer de o ver e ouvir aqui e talvez, quem saiba, poder dar o meu contributo e ouvir a resposta.

Pode não chocar-vos, mas choca-me a mim, porque quando os meus eleitores, as pessoas que estão mais perto de mim, me perguntam como é a actuação do Sr. Presidente do Governo e de alguns Secretários, eu, a bem da verdade, só posso dizer que sei quase tanto quanto eles.

Pode não ser preocupante para vós, mas para mim é e na minha perspectiva é um desrespeito para com esta Casa, para com todos os deputados, cada um e todos os deputados, e principalmente para com aqueles que representamos.

Para mim tem sido decepcionante.

Muito obrigada.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Secretário Regional da Educação e Assuntos Sociais.

**Secretário Regional da Educação e Assuntos Sociais** (*Álamo de Meneses*): Sr. Presidente, Srs. Deputados, Sr. Presidente, Srs. Membros do Governo:

Gostaria de fazer uma pequena intervenção para esclarecer uma questão que já foi aqui levantada por duas ou três vezes e tem a ver com a cooperação financeira da autarquias com as escolas do 1º ciclo.

O Sr. Deputado Manuel Brasil disse que os louros pertenciam também às autarquias. É verdade, Sr. Deputado. Eu sou o primeiro a reconhecê-lo.

Este projecto, que foi um projecto grandioso que se fez por toda a Região, foi um projecto que apenas funcionou naqueles concelhos em que as respectivas câmaras municipais se empenharam, em colaboração com o Governo, na resolução do problema.

Foi um trabalho de colaboração, de cooperação estreita, entre a Direcção Regional da Educação, a Direcção Regional de Estudos e Planeamento, a Direcção Regional de Organização e Administração Pública e as Câmaras Municipais.

Todas estas entidades participaram neste processo, umas aprovando as candidaturas, outras aprovando os projectos, como é o caso da Direcção Regional da Educação, e outras fazendo a sua execução.

Foi um trabalho de equipa, um trabalho que na maior parte dos casos foi financiado 85% pelo Governo Regional, noutros casos 100% pelo Governo Regional, ou seja, quando se tratava da construção de novas salas ou de ampliações.

Foi um trabalho que resultou da participação de todas estas entidades e que só foi possível, porque da parte do Governo Regional houve a disponibilidade para que os fundos existissem e para que o trabalho se fizesse.

Eu gostava de lembrar ao Sr. Deputado Aurélio da Fonseca que, apesar de haver 500 mil contos inscritos em 96 — a afirmação não é minha, portanto não sei se havia ou não — a execução apenas andou pelos 50/60 mil contos. Foi isso que se gastou em 96 na recuperação das escolas do 1º ciclo.

Esse valor cresceu rapidamente e, nesta altura, estamos a gastar, por ano, qualquer coisa como meio milhão ou 600 mil contos. É isso que está a acontecer em termos de execução feita.

É um processo que está em vias de conclusão e é um processo que é um êxito para todos, mas particularmente para os alunos e é para eles que este esforço se dirige.

Este Governo não precisa de ir buscar louros alheios em matéria de construções escolares.

O Sr. Deputado referia que em cada um dos mandatos anteriores foi feita uma escola e a última foi a da Madalena. Gostava de lhe dizer, Sr. Deputado, que realmente ela foi feita, mas uma boa parte foi paga já por este Governo, mas não é isso que está em causa.

Este Governo no seu mandato, apesar do grande investimento que fez no 1º ciclo, também tem escolas para inaugurar e escolas para mostrar. Tem uma grande escola, a Escola da Lagoa, em estado avançado de construção, uma das maiores escolas da Região; tem uma escola de dimensão apreciável, uma escola que não fica atrás da escola da Madalena que está quase pronta na Maia; tem uma escola nas Furnas que está praticamente pronta; tem uma escola que está praticamente nova, quase pronta, na Povoação; tem uma escola quase pronta em São Roque e uma escola quase pronta na Ribeira Grande, para não mencionar a Escola do Corvo que já foi aqui referida.

Em termos de escolas, se compararmos obra feita, nós realizámo-la, temos provas dadas e não precisamos de maneira nenhuma, ir buscar os louros de outrém, pelo contrário, quero agradecer, perante esta Assembleia, a colaboração que tivemos da maior parte das Câmaras Municipais.

Infelizmente, houve algumas que não quiseram participar neste processo e nota-se esse efeito. Estou a lembrar-me, por exemplo de Ponta Delgada, que continua com as escolas num estado miserável, mas a vasta maioria das Câmaras Municipais participou e graças a isso, a maioria das escolas da Região, neste momento, está reparada e está em condições de ser usada com dignidade pelo sistema educativo.

Da minha parte, não há necessidade de usar louros que são outrém.

Eu reconheço e presto homenagem ao trabalho dos autarcas, mas quero que fique claro que este Governo fez o que tinha a fazer e fê-lo com muita qualidade.

Muito obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado João Greves.

**Deputado João Greves (PP):** Sr. Presidente, Srs. Deputados:

Vários assuntos foram tratados neste debate.

Eu gostava de dar um pequeno esclarecimento ao Sr. Deputado Francisco Sousa, embora compreenda que ele seja perito nesta matéria de escolas, mas às vezes não se tem a noção da situação de algumas ilhas onde vivem pessoas com dificuldades.

Quando o Sr. Deputado refere que o número de alunos será de 4 ou 5 para leccionar o 12º ano, quero crer que o número será mais elevado do que isso, mas não é só isso que está em causa.

Antes também se dizia que não era possível leccionar o 9º ano no Corvo e que se fosse leccionado lá não teria bom aproveitamento.

Hoje, felizmente é possível e tem um bom aproveitamento.

Se o 9º ano é possível e tem um bom aproveitamento, naturalmente o 12º ano também teria bom aproveitamento.

Nós pretendemos que o Governo faça algum esforço nesta matéria para que realmente se vá além do 9º ano.

O Sr. Deputado tem que compreender que o Corvo é uma ilha isolada, que haverá corvinos que nunca atingirão o 12º ano e sabe perfeitamente que hoje quem não tirar o 12º ano terá muitas dificuldades na vida.

Há corvinos que gostam de estar na sua ilha e as bolsas que o Governo hoje atribui, não chegam face aos custos actuais

Tudo isto implica custos, mas temos que fazer um esforço, porque trata-se de uma ilha e, na minha opinião, o Governo tem que se empenhar nesta matéria a fim do 12º ano ser ministrado no Corvo, para que os corvinos tenham o mesmo direito ao ensino como têm todos os outros cidadãos desta Região.

O ensino é a base principal de qualquer sociedade.

Aos corvinos, infelizmente, isso tem sido um pouco vedado, mas acredito que tenham sido dados passos significativos e que se darão outros nesta matéria e este sonho tornar-se-á uma realidade no Corvo. Quando tal acontecer, nós estaremos aqui para aplaudir e congratularmo-nos com esta medida.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado João Cunha.

**Deputado João Cunha (PSD):** Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup>. e Srs. Deputados, Sr. Presidente e Srs. Membros do Governo:

Eu pedi a palavra apenas para relembrar a memória do Sr. José do Nascimento, que fez o favor de voltar aqui o passado. E o passado assusta-vos sempre.

O PSD orgulha-se das obras que fez na nossa terra, Sr. Deputado, entre as quais o Porto. É um orgulho para todos nós, para além de ser uma obra essencial.

Depois o Sr. Deputado vem aqui dar esse remoque de que, na verdade, o Porto e o problema do piloto existem desde 1986, só que está enganado, é antes. E o problema do piloto existe na Graciosa desde a data em que entrou em funcionamento o Porto da Graciosa. Mas só vou dizer-lhe o seguinte: nunca tantas vezes surgiu o problema, como surgiu neste último ano.

O Sr. Deputado sabe perfeitamente que assim é.

Na Graciosa o problema do piloto nunca se pôs tantas vezes seguidas, como se colocou agora.

É esta a verdadeira razão da minha intervenção, ou seja, apenas para esclarecer o Sr. Deputado relativamente a estes dois pormenores.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Madruga da Costa.

**Deputado Madruga da Costa (PSD):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados:

Eu não pensava, de forma nenhuma, intervir neste debate que ao longo da tarde nos tem ocupado, sobre as excelências do actual Governo e as eventuais ou muitas insuficiências dos governos anteriores.

Faço apenas na sequência de uma afirmação produzida pelo Sr. Deputado Francisco Sousa, que não deixou de me causar alguma admiração.

Sempre tenho procurado nesta Casa dirigir-me aos senhores deputados, sejam de que bancada forem, com todo o respeito, com toda a amizade, com toda a consideração, sem carrear para esta Sala o que quer que seja sobre esses Srs. Deputados ou membros do Governo, ou seja, dito ou feito reparo na comunicação Social.

Efectivamente, enquanto desempenhei as funções de Presidente do Governo, fiz as deslocações que tinha que fazer, as que julguei úteis fazer para o Governo, para os

Açores e para os açorianos e procurei exercer com dignidade as funções para que fui na altura indicado pelo meu partido.

Não posso deixar de fazer este reparo. Não quero entrar em polémicas nem vou entrar, nem vou para além disto.

Fico admirado com a afirmação do Sr. Deputado Francisco Sousa a quem me liga uma velha relação de amizade feita nesta Casa, mas a verdade é que eu não podia deixar de fazer este reparo, porquanto a afirmação do Sr. Deputado Francisco Sousa fica reproduzida para todo o sempre no Diário das Sessões e não se pode deixar de ler que o Deputado Madruga da Costa teve esta reacção.

Sobre tudo o resto não entro em considerações. Deixo essas coisas para quem teve a ideia de intervir sobre a defesa do seu governo agora e a defesa dos governos anteriores.

Ao fim e ao cabo o que se verifica é que cada qual tem a sua leitura da história e não deixa de ter a sua quota de verdade.

Uma coisa é certa: ninguém tem a verdade toda.

Nestas coisas, Sr. Deputado Francisco Sousa, "atrás de tempo, tempo vem" e algum dia, alguns dos meus colegas — eu já não vou estar, de certeza absoluta — desta bancada, estarão nessa defendendo as obras que aquele Governo terá deixado por acabar e que hão-de ser inauguradas por aqueles que nessa altura se sentarão aí.

É o caso da escola do Corvo. Ainda há pouco lia a resolução que tive a honra de assinar da decisão da celebração de um contrato ARAAL para a construção dessa escola.

A nossa permanência nesta Casa tem o tempo que os eleitores querem.

Cumpramos aquilo que é possível fazer em cada momento e depois havemos de ser julgados por aquilo que fizemos ou por aquilo que não fizemos.

Por mim, Sr. Deputado, fica apenas o reparo relativamente à primeira parte e tão só.

**Deputado Mark Marques (PSD):** *Muito bem!*

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Francisco Sousa.

**Deputado Francisco Sousa (PS):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

A parte que diz respeito aos contratos ARAAL das construções do 1º ciclo, já foi explicada pelo Sr. Secretário.

Passando ao ponto seguinte que o Sr. Deputado Aurélio da Fonseca falou, ou seja, a gestão democrática, digo-lhe que um diploma de 1992, nunca foi aplicado nos Açores, mas ele tinha a ver com uma coisa que se chamava o Director Executivo e não tinha nada de democrático.

Democrático tem o Decreto-Lei 115/A, de 98, que foi adaptado a esta Região por esta Assembleia e por proposta do Governo. Aí, arrumámos o outro diploma de 92, que nem por sombras se pode falar em democracia nele.

Quanto ao número de alunos nas escolas e as perturbações nas mesmas, em primeiro lugar são fruto de uma coisa que a mim me orgulha muito, ou seja, hoje, todas as crianças e todos os jovens que têm acesso à escola, devem estar na mesma e têm que estar lá.

Infelizmente, sobretudo na década de 80, tivemos graves problemas de fugas e de ausências das escolas que hoje nos atiram para um analfabetismo muito grande, muito elevado na nossa Região. É isso que me preocupa e por isso estou de acordo com a medida tomada, no sentido de que todos têm que ir para a escola para que dentro de 10, 12 anos, se tenha uma diminuição no número de analfabetos desta Região.

Eu estou de acordo com a criação de núcleos de educação especial em todas as escolas e áreas escolares da Região, o que faz com que o pessoal que fez essa carta que o senhor leu da escola das Flores, não tenha razão numa questão, ou seja, os alunos das Flores nunca tiveram educação especial na sua ilha. Esta é que é a questão de fundo.

Este Governo mudou toda essa estrutura, criando na Escola Básica Integrada das Flores um núcleo de Educação Especial, onde poderão ser colocados os professores e educadores especializados, situação que mesmo que alguém quisesse concorrer para as Flores até há 1 ano atrás, não o podia fazer porque não havia lá lugar para ele.

É nesse sentido que estou satisfeito com as alterações feitas e é inevitável que as escolas hoje sofram daquilo que sofre a nossa sociedade, desde logo, problemas

graves de questões familiares, de inserção social, situações que são transpostas para as escolas e que não são fruto da escola.

Agrada-me muito que todos esses alunos, todos eles, estejam inseridos finalmente no sistema educativo.

**Presidente:** Vamos interromper os nossos trabalhos.

Peço aos representantes dos partidos para nos encontrarmos às 18 horas e 15 minutos na Mesa.

*(Eram 18.00 horas)*

**Presidente:** Srs. Deputados, agradeça que retomassem os vossos lugares, para darmos continuidade aos nossos trabalhos.

*(Eram 19.00 horas)*

Vamos iniciar a nossa **Ordem do Dia**.

Como 1º ponto, temos a **Proposta de Resolução nº 11/2000 — "Consolidação e divulgação do serviço público regional de televisão."**

Está aberta a discussão.

*(Pausa)*

Não havendo intervenções, vamos votar.

Os Srs. Deputados que concordam, mantenham-se por favor como se encontram.

**Secretário:** A Proposta de Resolução foi aprovada por unanimidade.

**Presidente:** Passemos à **Proposta de Resolução nº 3/2000 — "Recomenda ao Governo Regional que promova diligências no sentido da RTP/Açores voltar a ter correspondentes nas ilhas onde não existam delegações, tome medidas que assegurem melhor funcionamento da RTP/Açores e iniciativas quanto ao acesso, em circunstâncias idênticas às do restante território nacional, às emissões de todos os canais generalistas de televisão".**

Está aberta a discussão.

Para proceder à sua apresentação, tem a palavra o Sr. Deputado Alvarino Pinheiro.

**Deputado Alvarino Pinheiro (PP):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Sr. Presidente, Srs. Membros do Governo:

A Constituição da República Portuguesa garante, como direito fundamental, o de todos os cidadãos serem informados, sem impedimentos nem discriminações.

O Estatuto Político-Administrativo da Região Autónoma dos Açores consagra que a autonomia visa a participação dos cidadãos, o desenvolvimento económico e social integrado do arquipélago e a promoção e defesa dos valores e interesses do seu povo.

A televisão regional, como meio cultural e informativo, é essencial para o conhecimento da Região pelos açorianos, pode constituir um importante meio de motivação da participação destes na vida colectiva e incentivá-los para as tarefas do desenvolvimento dos Açores.

De acordo com o que está definido na lei, constituem fins dos canais generalistas, entre outros, o de contribuir para o pluralismo político-social e cultural e também o de preservar e divulgar os valores característicos das culturas regionais ou locais.

Também por lei, foi atribuída a concessão do serviço público de televisão à Radiotelevisão Portuguesa S. A., impondo-se à concessionária que emita uma programação inovadora e variada, que estimule a formação e valorização cultural e que difunda uma programação que exprima a diversidade cultural e regional.

Está ainda previsto na lei, no âmbito da concessão do serviço público de televisão, que a respectiva realização se faça através da regionalização da informação e da actividade das delegações regionais.

Finalmente, a lei refere que o serviço público de televisão, assegurado pelo Estado, compreende, nas Regiões Autónomas, centros regionais, com direcção própria e capacidade de produção regional, mormente na área informativa.

O Parlamento Açoriano já definiu, através da sua Resolução 2/92/A, de 6 de Fevereiro, que o canal regional emitisse, de forma predominante, programas de

interesse e âmbito regionais, essencialmente produzidos por este e pela Resolução 2/94/A, de 22 de Abril, a Assembleia Legislativa Regional pronunciou-se no sentido de que a existência de um serviço público regional de televisão é uma necessidade que decorre directamente das especificidades regionais e da existência da própria Região Autónoma.

Ambas as Resoluções antes citadas apontavam no sentido da criação de condições que permitissem o acesso da generalidade dos açorianos, em pé de igualdade com o restante território nacional, às emissões de todos os canais de televisão de cobertura de âmbito geral, incluindo mesmo os operadores privados, pretensão que ainda hoje, injustamente, não foi satisfeita.

A RTP-Açores dispôs, num passado relativamente recente, de correspondentes nas ilhas dos Açores onde não possuía delegação, dotados de câmaras, sendo assim possível a recolha de imagens sobre os principais acontecimentos, com interesse noticioso, ocorridos em toda a Região.

Apesar das limitações técnicas, esses correspondentes foram importantes para que os serviços informativos da RTP-Açores melhor reflectissem, no dia-a-dia, a realidade regional no seu todo.

A RTP-Açores sofre hoje a concorrência dos outros canais nacionais e mesmo internacionais e vem perdendo muita da sua audiência, o que é negativo para a promoção e defesa dos valores e interesses do Povo Açoriano, para a concretização da indispensável unidade açoriana e para a realização da desejável solidariedade entre todos os que vivem no arquipélago.

A RTP-Açores, nos moldes em que vem funcionando, não satisfaz os objectivos legais em vigor e não contribui, quanto poderia, para o desenvolvimento económico e social integrado dos Açores.

A RTP-Açores corre assim o risco de perder o papel que poderia ter na afirmação e concretização da autonomia, o que é negativo para a Região e até para a manutenção dos postos de trabalho que criou.

Agora que foi anunciado que o Governo da República, em colaboração com o executivo açoriano, admite promover a racionalização do funcionamento da

RTP-Açores, importa desde já manifestar a vontade da Assembleia Legislativa Regional dos Açores, como órgão representativo de todo o Povo Açoriano.

Foi nessa perspectiva que o Grupo Parlamentar do Partido Popular, entendeu oportuno, propor que a Assembleia Legislativa Regional dos Açores resolvesse recomendar ao Governo Regional:

1º - Que promova, por todos os meios ao seu alcance, que a RTP-Açores volte a manter correspondentes em todas as ilhas dos Açores onde não existam delegações, dotados de meios que lhes permitam uma adequada cobertura de todos os eventos regionais;

2º - Que garanta, nas suas relações com os órgãos da República, que à RTP-Açores seja assegurado um estatuto compatível com os interesses da Região Autónoma dos Açores, designadamente através da manutenção de capacidade administrativa e orçamental, e mantenha sempre informada a Comissão de Assuntos Parlamentares, Ambiente e Trabalho, da Assembleia Legislativa Regional dos Açores, sobre todas as diligências realizadas;

3º - Que promova as diligências ao seu alcance para que toda a Região possa ter acesso, no mais breve espaço de tempo, em circunstâncias idênticas às do restante território nacional, às emissões de todos os canais generalistas de televisão.

Gostaria de acrescentar que esta iniciativa surge na sequência e em consonância com uma iniciativa do Grupo Parlamentar do Partido Popular na Assembleia da República, que teve origem no passado mês de Fevereiro, salvo erro, e que está em sede de comissão na Assembleia da República e, no seu conteúdo, nomeadamente, faz uma recomendação ao Governo da República para que diligencie no sentido de acelerar a implementação do acesso livre de todos os açorianos aos 4 canais nacionais de televisão.

Por outro lado, introduz uma recomendação que nos parece de grande importância e que, de resto, ainda ontem foi abordada nesta Assembleia através da iniciativa da Representação Parlamentar do Partido Comunista Português.

Como estava a dizer, o Grupo Parlamentar do CDS/PP na Assembleia da República, recomenda ao Governo da República que efectue diligências para que, no âmbito da

distribuição da televisão por cabo no resto do território nacional, seja possível a introdução de parte das emissões da RTP-Açores e da RTP/Madeira.

O facto da Assembleia da República ir apreciar essa iniciava do CDS/Partido Popular, e a circunstância, neste Parlamento, dos representantes do povo dos Açores estarem a debruçar-se também sobre matéria semelhante, julgamos que pode ser, no seu conjunto, um bom contributo para que, a nível nacional, haja a sensibilidade de dar a conhecer, junto de todos os portugueses, aquilo que eventualmente de bom e de importante é feito, quer pelos centros regionais da RTP nos Açores, quer pela RTP-Madeira.

**Presidente:** Está aberta a discussão.

Tem a palavra o Sr. Secretário Regional Adjunto da Presidência.

**Secretário Regional Adjunto da Presidência** (*Francisco Coelho*): Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente, Colegas do Governo:

Ainda ontem tivemos oportunidade, a respeito de uma resolução apresentada pela Representação Parlamentar do Partido Comunista Português sobre este tema, de tratar com alguma exaustão este assunto. O Sr. Deputado Alvarino Pinheiro na altura não pôde estar presente, embora a resolução do seu partido tenha dado entrada primeiro nesta Assembleia, vindo só agora à discussão.

Algo do que ontem foi dito, pode ser e deve ser — já que o tema é o mesmo — aproveitado.

Nessa medida, penso que é claro, por aquilo que já percebi e por aquilo que consegui perceber das posições já manifestadas nesta Câmara, que relativamente àquilo que me parece fundamental, há algum consenso, ou seja, quanto à questão que a RTP-Açores deve continuar a existir e que é fundamental para a prestação do serviço público de televisão nestas ilhas.

Sobre esta matéria, o Governo tem uma posição clara e já tomada há algum tempo, na devida altura.

Ainda ontem tive oportunidade de vos recordar as declarações do Sr. Presidente do Governo no dia 3 de Março de 2000 à saída da reunião que o Governo Regional manteve nessa data com o Governo da República.

É evidente que a necessidade da manutenção do Serviço Público Regional de Televisão pela RTP-Açores, não nos leva — e também penso que aí há um consenso generalizado — a dispensar o acesso mais generalizado possível por parte dos açorianos a todos os canais nacionais.

Aliás, isso constava — é bom recordá-lo — do Programa Eleitoral do próprio Governo da República e já foram tomadas medidas, em Janeiro do corrente ano, por parte do mesmo, nomeadamente a constituição de um grupo de trabalho com representantes ao nível técnico das Regiões Autónomas, no sentido de ser tomada a decisão técnica sobre a melhor forma de estender esse serviço de forma gratuita às Regiões Autónoma dos Açores e da Madeira.

Neste momento, inclusive, já há uma opção tomada entre as várias soluções técnicas, pela televisão digital terrestre, e estima-se que em Junho ou Julho deste ano, seja lançado o respectivo concurso.

O Sr. Presidente do Governo já teve oportunidade de esclarecer, relativamente a uma notícia veiculada num órgão de comunicação social, que esse serviço, a disponibilização dos canais nacionais, deverá ser, obviamente para os habitantes dos Açores, gratuita, o mesmo é dizer, ao mesmo preço do que aquela que terá para todos os cidadãos do país, isto na sequência da recomendação do Partido Popular e, creio eu, esclarecendo ou dando opinião do Governo Regional sobre aquele que é o último ponto da respectiva recomendação.

Relativamente ao segundo ponto, também creio que é clara e que há inclusive consenso sobre a posição do Governo Regional relativamente a esta matéria.

A RTP-Açores, como empresa autónoma, deve ser mantida, porque é necessária para prestar um serviço público regional.

Efectivamente, sabemos que devido à nossa dispersão geográfica e à insularidade, é fundamental, para a própria coesão, para o conhecimento e cultura entre os açorianos, que esse serviço exista e todos estes anos indicam que ele só pode ser eficazmente exercido por uma televisão regional.

O primeiro ponto da recomendação do Partido Popular, prende-se com o facto de, para que esse serviço possa efectivamente ser prestado nas melhores condições e com

a maior generalidade possível, recomendar à RTP-Açores que volte a manter ou a recriar uma rede de correspondentes em todas as ilhas.

O Governo não vê nada contra essa pretensão, embora pense que isso deverá ser equacionado pela própria RTP-Açores, de preferência com as necessárias garantias ao nível profissional de qualidade, competência e isenção.

Por último, gostava de dizer — não é que por aí venha grande mal ao mundo — que esta Resolução do Partido Popular recomenda ao Governo Regional que faça de intermediário nesta questão junto da RTP.

Não levanta grande problema. O Governo Regional fá-lo-á, embora pensemos que nada impediria esta Câmara de fazê-lo directamente à própria RTP.

Muito obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Sidónio Bettencourt.

**Deputado Sidónio Bettencourt (PSD):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

O Grupo Parlamentar do Partido Social Democrata vai votar favoravelmente esta Proposta de Resolução do Partido Popular, tal como fez em sede de Comissão, na medida em que nunca é de mais recomendações que sejam no sentido de aperfeiçoar o funcionamento de uma televisão que hoje, felizmente, continua a encher de paixão a sociedade açoriana e também os políticos e este Parlamento em especial.

Nas últimas 24 horas foi possível, mercê de duas Propostas de Resolução, discutir, com calor, a posição, a situação da RTP-Açores e as dificuldades por que passa, particularmente depois de se conhecer a criação da *holding* e se desconhecer, em parte, aquilo que vai ser o futuro da RTP-Açores.

Esta Proposta de Resolução tem um diagnóstico que aponta mais que as propostas, recomendações ao Governo Regional, embora a tutela seja do Governo da República. Penso que nunca é demais pedir, e já o disse aqui em várias intervenções, ao Governo e neste caso ao Sr. Presidente do Governo, que exerça a sua magistratura de influências, no sentido de dotar a RTP-Açores cada vez mais de melhores meios, ao serviço da comunidade açoriana, numa altura em que se pensa que ela própria poderá estar em situação de "morte lenta".

Ainda bem que a RTP-Açores, na minha opinião, um instrumento estratégico e cultural da identidade açoriana, não deve ser vista apenas do ponto de vista subjectivo da leitura que se faz deste ou daquele Telejornal ou da actuação dos seus jornalistas, mas no seu todo enquanto instrumento da identidade de uma Região Autónoma.

É nessa perspectiva que entendemos que esta Proposta de Resolução recomenda que se chegue a todas as ilhas, o mais breve possível, o profissionalismo da RTP.

Gostaria de sublinhar aqui este aspecto, porque também não sou muito da opinião que as câmaras e a forma como a televisão cobria antigamente, fosse a mais adequada.

Quando exigimos qualidade à RTP-Açores, devemos exigir um quadro de profissionalismo.

Espero — isto também está subjacente e porque também a RTP-Açores, não actuará de outra forma — que os correspondentes tenham pelo menos um estatuto profissionalizante de acordo com o estatuto e a deontologia de um órgão de informação poderoso, como é o da RTP e a própria situação profissional dos seus jornalistas.

A ideia do amadorismo, de um vídeo de um amigo que tem, que manda umas imagens, espero que a RTP-Açores não volte a cair nesse erro e não fique à mercê de qualquer habilidoso que não é um técnico profissional de informação.

Não podemos exigir qualidade informativa e depois exigir que se espalhem câmaras por 9 ilhas sem que essa qualidade subsista.

Para isso, são precisos orçamentos. Neste ponto, também estou de acordo que é preciso dotar a RTP, cada vez mais de melhor orçamento e se calhar de melhor gestão dos seus recursos humanos, inclusive.

Por isso, penso que as duas propostas complementam-se e eu chamava a atenção para que esse profissionalismo fosse em frente.

Gostaria de sublinhar um pormenor: nas últimas horas — e eu não tomei parte no debate — falou-se muito em televisão e em audiências.

Há uma preocupação excessiva da procura.

Todos nós queremos mercado. Todos nós queremos os canais de televisão nos Açores.

Cada vez pedimos mais canais, mas depois preocupamo-nos com a descida de audiência de canais da RTP-Açores. Aqui, parece-me que há uma contradição.

As leis do mercado, da procura e da oferta, funcionam normalmente como funcionaram com a rádio, como funciona com um Hiper Mercado que abre num sítio qualquer onde há muitas lojas ali por perto.

Devo dizer que para uma empresa de serviço público de televisão, ela deve ser serviço, deve ser para e com o público e deve ser, sobretudo, televisão.

É por isso que nós devemos lutar para que tenhamos serviço, para que tenhamos com o público e para o público e tenhamos televisão, uma televisão que vá de encontro à nossa identidade, à identidade do povo, da cultura, do povo ilhéu, como quiserem, com uma diáspora grande.

A expansão da própria RTP-Açores, através das novas tecnologias, pode ser também uma forma, um desafio, um estímulo para que a diáspora, quer nos Estados Unidos da América e Canadá, quer em Portugal Continental, onde há milhares de açorianos, possam também ter acesso à sua terra, através da sua própria televisão. Não vejo nisso mal algum.

É um estímulo, é um desafio aos seus profissionais.

Para terminar, gostaria de chamar a atenção para o seguinte, porque não sei se vou ter mais oportunidade de dizer isto nesta Câmara.

Discutam a televisão dos Açores, o serviço público de televisão. Não se confundam conceitos.

Às vezes confundimos conceitos de vária ordem, cruzamo-nos porque a televisão, de facto, ainda é uma paixão. É talvez o elemento cultural mais forte que a Região Autónoma dos Açores um dia pode ter.

Ela está numa encruzilhada, está numa fase de grandes decisões e aí deve haver uma intervenção política, para que ela possa vir a ter um papel determinante. Mas deixem o desafio a ela própria, à sociedade, para que possa avançar com qualidade, com profissionalismo, porque um serviço daqueles a custo zero como temos, não vai ser fácil.

Encontrem os argumentos que quiserem, mas não vai ser fácil ter um serviço público de televisão feito desta forma.

É preciso que ela possa concorrer, tenha dignidade, personalidade, dinamismo, uma estética, uma cultura própria de empresa nos Açores.

É por isso que nós votamos favoravelmente esta proposta, porque vem nesse sentido e que o debate continue nesta Casa e fora dela, para que a RTP-Açores, em minha opinião, não morra e ganhe um novo fôlego.

**Deputado João Cunha (PSD):** *Muito bem!*

**Presidente:** Para participar no debate, tem a palavra o Sr. Deputado Paulo Valadão.

**Deputado Paulo Valadão (PCP):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Sr. Presidente, Srs. Membros do Governo:

Nós vamos dar o nosso voto favorável à Proposta de Resolução do CDS/PP e nesta fase do debate, queríamos realçar um aspecto que para nós é fundamental e está implícito nesta Proposta de Resolução, ou seja, o facto de deixar bem clara a necessidade da RTP/Açores ser de toda a Região Autónoma dos Açores, de todas as ilhas deste arquipélago e que ela própria possa, por um lado, estar presente em todas as ilhas e, por outro, levar tudo o que se passa de interesse cultural, noticioso, desportivo, recreativo, em todas e qualquer uma das ilhas, ao conjunto da Região Autónoma dos Açores.

Isso para nós é fundamental. Aliás, estamos de acordo com aquilo que disse o Sr. Deputado Sidónio Bettencourt em relação à capacidade técnica que este trabalho tem que merecer. Não pode ser como foi no passado, uma experiência que foi feita e que acabou por não resultar, onde, por um lado, foram encarregados de fazer as reportagens televisivas pessoas sem as condições e os meios necessários, e por outro, essa mesma experiência acabou por se ver diluída, desaparecida em relação a muitas das nossas ilhas.

Já o dissemos ontem, e repetimos hoje, que o serviço prestado pela RTP-Açores como serviço público, é absolutamente necessário à Região Autónoma dos Açores.

A RTP-Açores é fundamental para a própria unidade açoriana e ela é fundamental, independentemente dos canais que por aí venham, daqueles que nós podemos captar e possamos ter acesso.

O serviço que a RTP-Açores presta à Região é único, porque ela é a única que terá possibilidade de ser o "espelho" da própria Região, por isso mesmo ela é fundamental.

Porém, é necessário que seja de toda a Região.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Alvarino Pinheiro.

**Deputado Alvarino Pinheiro (PP):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Sr. Presidente do Governo, Srs. Membros do Governo:

Na nossa perspectiva, a RTP-Açores não se pode confinar às 3 principais ilhas da Região Autónoma dos Açores, às ilhas ex-capitais de distrito.

Enquanto a RTP-Açores — já lá vão 25 anos — não for capaz de traduzir, em tempo útil, a realidade de cada uma das 9 ilhas dos Açores, ela não é a RTP-Açores.

Na nossa perspectiva, isso é um dado adquirido e partimos desse princípio.

Entendemos que ao longo destas mais de duas décadas, perdeu-se tempo demais nessa incapacidade de levar para a RTP-Açores a realidade das 9 ilhas da Região Autónoma dos Açores.

Quando nós citamos nos considerandos da nossa Resolução o facto de no passado ter existido a figura do correspondente, o Sr. Deputado Sidónio Bettencourt percebeu, e julgo que todos percebemos, a intenção desta citação por parte do Partido Popular.

Nesse domínio e na nossa opinião, andou-se para trás.

Ninguém duvida que a qualidade do serviço prestado por esses correspondentes, não obedecia aos requisitos mínimos.

Como é usual nessas circunstâncias, acho que até muitos deles deviam ser louvados, como é costume fazer-se nesta Casa, louvar aqueles que dão o seu melhor a bem de um instrumento em favor da nossa Região Autónoma.

Pela nossa experiência, achamos que devem ser louvados os correspondentes, não sendo profissionais — alguns eram mecânicos — mas iam com boa vontade fazer cobertura dos acontecimentos culturais, desportivos, políticos que aconteciam no nosso arquipélago.

Sr. Deputado, eu tendo a felicidade de ser natural de uma ilha pequena e abandonada, reconheço que havia grande satisfação por parte dos nossos concidadãos nessas ilhas, quando muitas vezes de forma *esverdeada*, outra vezes *azulada* e *avermelhada*, viam

as pobres imagens das suas procissões, não só as da Ribeira Grande, nem as de Angra, mas viam também as procissões do Topo e de Santa Cruz das Flores. Não interessava a côr, Sr. Deputado, e se calhar também viam a procissão do Santinho das Lajes do Pico.

**Deputado Rui Pedro Ávila (PS):** É uma Santa, Sr. Deputado!

**O Orador:** As pessoas deliciavam-se a ver aquilo, independentemente de vir mais *verdinho, azulinho ou cor-de-rosa*.

O grave, a nosso ver, foi terem acabado com essa gente sem terem uma alternativa.

O que se esperava era que se dessem equipamentos adequados, formação, criassem efectivos, técnicos correspondentes nessas ilhas.

Andou-se para trás.

É essa preocupação que o CDS/Partido Popular teve ao fazer referência a estes elementos da história da televisão nos Açores, que formam os correspondentes nas diversas ilhas.

Nós achamos que se deve caminhar, com certeza e do nosso ponto de vista, com os requisitos que o ilustre colega Deputado Sidónio Bettencourt aqui colocou e diria mesmo que são os ideais. Portanto, elementos que tenham capacidade profissional e equipamentos adequados.

Seja como for, é um aspecto técnico que cabe aos responsáveis pela televisão e pelo serviço público de televisão na Região Autónoma dos Açores, garantir.

Na nossa perspectiva, o que não se pode é continuar com o actual estado de coisas, com uma televisão que pretende ser oportuna e eficaz em relação a São Miguel, Terceira e Faial, porque em relação ao Pico está separada pelo canal, e quanto ao resto é inexistente.

Vai-nos cansando a ideia de enviar um jornalista uma vez por mês a São Jorge ou à Graciosa, para tirar imagens de Verão que são passadas no Inverno, ou de Inverno e depois passadas na Primavera, faz uma colheita de tudo, desde as actividades económicas até às actividades culturais e vão concebendo programas documentários que enchem serviços noticiosos. Isto é ridículo e é este ridículo que está minando a imagem e a credibilidade da RTP-Açores, porque tem noticiários inteiros que são peças de arquivo trabalhadas, não têm nada a ver com noticiários e ultrapassam a

paciência de qualquer bom açoriano que faz um esforço para ver se consegue ver a RTP-Açores às 8 horas da noite, mas não aguenta aquilo e quando começa o concurso a nível nacional, muda de canal, porque ninguém está para aguentar documentários fora de tempo.

Em relação a isto também gostaríamos de dizer que, na nossa perspectiva — isto um pouco em oposição a princípios que o Sr. Deputado Sidónio Bettencourt enunciou — não há nenhuma contradição entre pedir mais canais, pedir acesso por parte dos açorianos ao serviço geral de televisões que acontece por toda a parte, e pedir melhor RTP-Açores.

O que não podemos é assistir, nalguns casos, lentamente, à satisfação desse direito legítimo dos açorianos terem acesso a todo o serviço televisivo, nacional e não só, e ao mesmo tempo assistirmos à desorientação que se passa na RTP-Açores e à falta de resposta para um eficaz trabalho produzido pela RTP.

O que está acontecendo com a nossa televisão, é confrangedor.

Não nos preocupa o facto da RTP-Açores deixar de ter 95% de audiência, mas sim ela estar a ser humilhada, até perante os seus critérios de programação.

Que sentido faz passarmos, nos horários novos, uma telenovela que está 8 dias atrasada em relação à telenovela que passa no Canal 1?

Só alguém que esteja permanentemente 8 dias atrasado na vida, é que segue a telenovela que passa na RTP-Açores que é igual à que passa no Canal 1 e que leva 8 dias de avanço.

É esta triste figura que está acontecendo na Região Autónoma dos Açores.

Nós queremos, publicamente, através desta Assembleia, condenar e lamentar esse tipo de situação e lamentar também que no resto da programação, nos filmes e não só, a RTP-Açores funcione como reprise do que acontece a nível nacional.

Quando as pessoas sintonizam a RTP-Açores, ficam com a ideia que estão parados no tempo.

"— Será que vi este filme a semana passada? Onde foi?"

"— Será que a RTP-Açores se enganou?"

Isto carece de uma profunda volta e infelizmente não se tem acesso ao mínimo de orientação que nos dê a garantia de que alguém está cuidando do que possa vir a ser o futuro do canal regional de televisão nos Açores.

**Presidente:** Concluído o debate, vamos passar à votação.

Os Srs. Deputados que concordam com esta Proposta de Resolução, mantenham-se por favor como estão.

**Secretário:** A Proposta de Resolução foi aprovada por unanimidade.

**Presidente:** Passemos ao ponto seguinte, isto é, à **Proposta de Decreto Legislativo Regional n.º 9/2000 — "Reserva Florestal de Recreio do Pinhal da Paz"**.

Está aberta a discussão na generalidade.

Tem a palavra o Sr. Secretário Regional Adjunto da Presidência.

**Secretário Regional Adjunto da Presidência** (*Francisco Coelho*): Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente e Srs. Membros do Governo:

Uma brevíssima apresentação.

Trata-se de uma Proposta de Decreto Legislativo Regional que visa essencialmente, e na sequência de anteriores protecções que esta área do Pinhal da Paz já mereceu, nomeadamente através do Decreto Regional 12/82/A, de 1 de Julho, submetê-la ao regime jurídico geral, também aprovado por esta Câmara, de reserva florestal de recreio, constando para o efeito no diploma o objecto e a delimitação da respectiva área.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Francisco Xavier.

**Deputado Francisco Xavier** (*PSD*): Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Foi há 18 anos que através do Decreto Regional 12/82/A, o Governo e a Assembleia de então, criaram a Reserva de Recreio do Pinhal da Paz ou da Mata das Criações, como também é conhecida.

Em 87, criou-se o Regime Jurídico das Reservas Florestais e em 89 criaram-se, de uma assentada, 22 reservas florestais de recreio.

Faço referência a este pressuposto, porque — e como já referi algumas vezes nesta Casa — a década de 80, foi uma década onde a produção legislativa, em termos ambientais, foi algo notória.

Não é excepção dos Açores. Por quase todos os países da Europa, houve uma apetência enorme para produzir legislação nesta área. Nós temos aqui um pequenino exemplo e, neste caso, o edifício legislativo também foi notável.

Independentemente dos pressupostos que o diploma apresenta, nomeadamente as características florestais e paisagísticas, destacando-se a riqueza florística do Pinhal da Paz, gostaria também de chamar a atenção para outros aspectos de alguma importância.

Desde já, a ocupação de tempos livres, a que também o próprio diploma faz referência, é um instrumento fundamental.

Mas atendendo à localização desta mancha, o Pinhal da Paz ou a Mata das Criações, está localizada exactamente num quadrilato da Ilha de São Miguel formado por Ponta Delgada, Capelas, Ribeira Grande e Lagoa, onde a pressão urbanística, a presença humana e a pressão industrial são grandes.

Conservar e preservar uma mancha florestal desta natureza numa área destas, para além do seu valor relativo, para além do seu valor absoluto, tem um valor relativo de extraordinária importância. Ou seja, numa zona que talvez é das zonas dos Açores onde a indústria está mais presente, onde a presença humana é mais forte, ter uma mancha florestal dessa natureza, é contribuir para a redução da poluição.

Nós podemos ver isso em pequena escala e teremos que ver isso à nossa escala, à escala da Região.

Mas estes pequenos contributos que esta Região, as regiões do mundo, os países do mundo, dão à poluição por forma a reduzi-la, ou através daquilo que chama agora os sorvedores de dióxido de carbono, que é o caso desta mancha verde ou através de outras manchas maiores do mundo inteiro, todos estes contributos juntos, poderão contribuir para a redução da poluição.

Por outro lado, o Pinhal da Paz irá ter um papel fundamental na educação ambiental. Será um instrumento de sensibilização para as novas gerações no domínio dos endemismos vegetais e da flora insular. Aí chamo a atenção — aproveito a oportunidade para falar nisto, porque nunca é demais falar nestas matérias — para o facto de termos endemismos, cerca de 60 a 70 plantas endémicas na Região, que não

existem em mais parte nenhuma do mundo e nós temos responsabilidades nesta matéria.

Que o Pinhal da Paz sirva exactamente para sensibilizar as novas gerações para a preservação e defesa destes endemismos e saibamos transferir o espírito que moveu os vários governos em relação ao Pinhal da Paz, para a protecção destes endemismos por forma a podermos criar uma geração de paz ecológica.

Muito obrigado.

*(Aplausos dos deputados da bancada do PSD)*

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado João Forjaz Sampaio.

**Deputado João Forjaz Sampaio (PS):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente, Srs. Membros do Governo:

O Grupo Parlamentar do PS irá votar favoravelmente a Proposta de Decreto Legislativo Regional que cria a Reserva Florestal de Recreio do Pinhal da Paz.

Inicialmente designada por Mata das Criações, toda esta área perto de vários concelhos, como foi descrita, foi alvo, durante muitos anos, da introdução de várias espécies florestais e de trabalhos que levaram ao seu ajardinamento por vários membros da família Canto.

Aliás, esta família, a par de outras, como António Borges, José Ernesto do Canto e o Marquês Jácome Correia, construíram em São Miguel várias zonas ajardinadas e que hoje em dia constituem recantos que merecem ser preservados.

Assim, e durante vários anos, esta zona que foi ajardinada serviu aos habitantes, principalmente de Ponta Delgada, de zona de lazer.

Mais tarde e após a aquisição por parte dos serviços oficiais, toda essa zona foi beneficiada e constitui hoje uma área privilegiada para toda a população.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado João Greves.

**Deputado João Greves (PP):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Já tudo foi dito aqui e bem explicitado pelo Sr. Deputado Francisco Xavier.

Com esta proposta, julgo que estamos a dar um contributo muito importante para a defesa do ambiente.

Alguns casos foram aqui explicitados e muito bem pelo Sr. Deputado Francisco Xavier, como por exemplo quando se referiu ao dióxido de carbono que existe na atmosfera. No meu entender, será mais um travão nesta matéria e constitui um bem para a saúde pública, porque as zonas verdes, onde as habitações são densas, onde existe maior movimento e indústrias, são apreciadas e são um sítio de lazer e de bem-estar para as populações locais.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Paulo Valadão.

**Deputado Paulo Valadão (PCP):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Sr. Presidente, Srs. Membros do Governo:

Nós vamos dar o nosso voto favorável a este Decreto Legislativo Regional.

Consideramos que nas nossas ilhas onde existem aglomerados populacionais mais numerosos, como é o caso, terá que haver uma grande preocupação, no sentido de manter as zonas de reserva de recreio e florestais.

Neste caso concreto, logo a seguir à cidade de Ponta Delgada, próximo da Fajã de Cima e da Fajã e Baixo — zonas com uma densidade populacional elevada — consignar como reserva florestal de recreio uma zona que tem a dignidade do Pinhal da Paz, é de realçar e de pensar.

Também é de pensar que nas nossas ilhas, essencialmente nos centros urbanos mais populosos, há que haver uma preocupação muito grande em relação a todas as zonas onde efectivamente possa haver lazer, preservação da natureza e onde algumas zonas, mesmo do domínio público, não têm aquele cuidado que é necessário que venham a ter.

**Presidente:** Não havendo mais intervenções, vamos passar à votação.

Os Srs. Deputados que concordam, na generalidade, com esta Proposta de Decreto Legislativo Regional, mantenham-se por favor como estão.

**Secretário:** A Proposta de Decreto Legislativo Regional foi aprovada, na generalidade, por unanimidade.

**Presidente:** Passamos à discussão na especialidade.

Se não houver objecções, colocava à discussão os artigos 1º, 2º, 3º, 4º e 5º.

Parecendo não haver, está aberta a discussão.

*(Pausa)*

Não havendo intervenções, vamos votar.

Os Srs. Deputados que concordam com este conjunto de artigos, mantenham-se por favor como estão.

**Secretário:** Os artigos 1º, 2º, 3º, 4º e 5º foram aprovados por unanimidade.

**Presidente:** Vou pôr o diploma à votação final global.

Os Srs. Deputados que concordam, mantenham-se por favor como estão.

**Secretário:** O diploma foi aprovado, em votação final global, por unanimidade.

**Presidente:** Passemos ao 4º ponto da nossa ordem de trabalhos que se refere à **Proposta de Decreto Legislativo Regional nº 10/2000, Alteração ao artigo 4º do Decreto Legislativo Regional 16/89/A, de 30 de Agosto — "Regime Jurídico das reservas florestais e recreio"**.

Tem a palavra o Sr. Secretário Regional Adjunto da Presidência.

**Secretário Regional Adjunto da Presidência (Francisco Coelho):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente e Srs. Membros do Governo:

A Proposta de Decreto Legislativo Regional que acabámos de aprovar ficará submetida ao regime jurídico das reservas florestais de recreio, previsto no Decreto Legislativo Regional nº 16/89/A, de 30 de Agosto.

É exactamente um artigo desse Decreto Legislativo Regional que, com esta proposta agora em discussão, se pretende alterar.

Trata-se de um artigo que fixa o montante de coimas e atenta à altura em que o mesmo foi aprovado, naturalmente que esses valores estão desactualizados.

Sendo assim, trata-se apenas de actualizar os montantes das coimas previstas no diploma que institui o regime jurídico das reservas florestais de recreio.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Paulo Valadão.

**Deputado Paulo Valadão (PCP):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Sr. Presidente, Srs. Membros do Governo:

Nós vamos dar o nosso voto favorável a este Decreto Legislativo Regional, na medida em que se está, em nosso entender, a actualizar aquilo que foi estabelecido em 1989.

As coimas aplicadas nessa altura são multiplicadas por 5, o que consideramos perfeitamente razoável. Inclusivamente, há que respeitar estas zonas que nós determinámos. Por isso, as contra-ordenações têm que ser de acordo com aquilo que em cada altura é razoável.

Os preços implementados em 89, têm que ser actualizados em 2000.

Nós pensamos que a proposta apresentada é perfeitamente razoável, por isso vamos dar o nosso voto favorável.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado João Forjaz Sampaio.

**Deputado João Forjaz Sampaio (PS):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente, Srs. Membros do Governo:

O Grupo Parlamentar do Partido Socialista irá votar também favoravelmente esta alteração ao artigo 4º do Decreto Legislativo Regional 16/89/A.

Estes novos valores enquadram-se, precisamente como foi referido, nas possíveis penalizações a serem atribuídas às pessoas que prevaricarem as regras estabelecidas.

Eu queria referir que quando esta propriedade pertencia ainda à família Canto, havia um certo controlo de acesso ao Pinhal da Paz. Havia um guarda que zelava por toda a zona e quem desejava visitar o Pinhal da Paz tinha que pedir uma autorização especial a uma casa que ficava situada junto do Campo de São Francisco. Dirigimo-nos lá, obtínhamos autorização e depois éramos acompanhados, muitas vezes, pelo próprio guarda do Pinhal da Paz.

Isto levava ao que se conseguiu até hoje, ou seja, a uma preservação de toda a beleza e ao encanto das suas ruas ladeadas por azáleas e muitas vezes por camélias raras. Esta medida vem, até certo ponto, hoje em dia, porque há um acesso livre a toda a população, servir de guarda à preservação daquele património.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Jorge Valadão.

**Deputado Jorge Valadão (PSD):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Sr. Presidente, Srs. Membros do Governo:

Esta proposta de alteração apresentada pelo Governo não é polémica, é pacífica.

Nós comungamos dos princípios defendidos pelo Sr. Deputado Paulo Valadão, porque, de facto, há que actualizar as coimas previstas, em caso de violação, do que está previsto no artigo 4º.

Portanto, o Grupo Parlamentar do PSD votará favoravelmente este Decreto Legislativo Regional.

**Presidente:** Não havendo mais intervenções, vamos passar à votação.

Os Srs. Deputados que concordam, na generalidade, com esta Proposta de Decreto Legislativo Regional, mantenham-se por favor como estão.

**Secretário:** A Proposta de Decreto Legislativo Regional foi aprovada, na generalidade, por unanimidade.

**Presidente:** Passamos à discussão na especialidade e se não houver objecções, colocava à discussão os artigos 1º e 2º.

*(Pausa)*

Não havendo intervenções, vamos votar.

Os Srs. Deputados que concordam, mantenham-se por favor como estão.

**Secretário:** Os artigos 1º e 2º foram aprovados por unanimidade.

**Presidente:** Passemos à votação final global.

Os Srs. Deputados que concordam, mantenham-se por favor como estão.

**Secretário:** O diploma foi aprovado, em votação final global, por unanimidade.

**Presidente:** Passemos ao debate da **Proposta de Decreto Legislativo Regional 13/2000 — "Desafectação do terreno do núcleo florestal da Silveira do Pico para a instalação de uma zona industrial ligeira"**.

Para apresentá-la tem a palavra o Sr. Secretário Regional Adjunto da Presidência.

**Secretário Regional Adjunto da Presidência (Francisco Coelho):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente e Srs. Membros do Governo:

Esta Proposta de Decreto Legislativo Regional vem na sequência do que feito pelo Decreto Legislativo Regional 15/97/A, que desafectou uma parcela de terreno do núcleo florestal da Silveira, ilha do Pico, concelho das Lajes, e tem por objectivo a instalação de zona industrial ligeira.

O Sr. Presidente da Câmara Municipal das Lajes do Pico, manifestou ao Governo Regional aquilo que entende ser a necessidade dessa zona ser ampliada através da desafecção de uma parcela de terreno contígua à anterior.

É exactamente a satisfação desse desejo, dessa necessidade sentida pelo município das Lajes do Pico, que se visa concretizar, através deste diploma.

Temos conhecimento que a Comissão, como preocupações técnico-jurídicas e de rigor, propõe aqui uma alteração, nomeadamente ao fixar um prazo para que de algum modo seja concretizado o fim a que se destina esta nova zona desafectada.

O Governo Regional, à partida, não tem nada a opôr, a não ser se isto não poderá levantar alguns problemas ao próprio município, se por razões até legítimas, ponderosas e justificadas, não for possível, nesse prazo, efectivar aquilo que é o objectivo do município das Lajes do Pico.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado António Meneses.

**Deputado António Meneses (PSD):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Sr. Presidente, Srs. Membros do Governo:

Em relação a este diploma, a Comissão entendeu fazer esta proposta de aditamento, porque em princípio é de boa regra que qualquer desafecção ou expropriação que seja feita para um determinado objectivo, deva o mesmo ser alcançado. Não o sendo em prazo razoável, essas parcelas deveriam regressar à origem.

No entanto, neste caso concreto, depois da aprovação do relatório pela Comissão e por contactos com a própria autarquia das Lajes do Pico, chegou-se à conclusão que neste caso específico, e porque a primeira desafecção não tinha efectivamente um prazo, uma vez que isto era apenas um aditamento a essa desafecção, talvez não se justificasse.

Por isso, informava ao Sr. Presidente da Assembleia, que a Comissão de Assuntos Parlamentares, Ambiente e Trabalho retira a sua proposta de aditamento.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Paulo Valadão.

**Deputado Paulo Valadão (PCP):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Neste ponto da nossa ordem de trabalhos, estamos a fazer exactamente o contrário daquilo que fizemos nos dois anteriores, ou seja, estamos a desafectar de um núcleo

florestal, uma zona que se pretende que seja, segundo se diz no diploma, a continuação de uma zona industrial já existente.

Nós não temos qualquer objecção em relação a este tipo de diplomas, porque pensamos e entendemos que devemos conciliar o desenvolvimento e o progresso das nossas ilhas, com o equilíbrio que tem que existir no campo do ambiente, floresta, etc.. Portanto não são razões dessa ordem que me levam a intervir.

No entanto, se fosse possível, gostaria que o Sr. Secretário Regional que veio apresentar a proposta, me informasse concretamente na medida em que se fala em zona industrial ligeira, qual será o destino para esta parte que é desafectada?

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Rui Pedro Ávila.

**Deputado Rui Pedro Ávila (PS):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Sr. Presidente, Srs. Membros do Governo:

Este pedido de desafecção da Câmara das Lajes, tem como finalidade procurar tirar junto da zona urbana da Vila das Lajes do Pico, uma situação que já era de grande pressão para quem conhece aquela Vila, principalmente na vertente do lado sul, no Senador da Queimada.

A resposta — se é que há resposta! — àquele pedido feito agora pelo Sr. Deputado Paulo Valadão, não é fácil de se dar, porque o que é preciso é que a Vila das Lajes tenha uma zona de expansão comercial e industrial, definida fora do perímetro urbano.

Portanto, esta zona do Mistério da Silveira, mais conhecida assim, onde já está ocupada a primeira parte, desafectada em 1997, precisa de mais lotes para instalação dos empresários que irão surgir e que já têm pedidos entregues na Câmara das Lajes — também contactámos o Sr. Presidente da Câmara.

Quero ainda dizer que o Grupo Parlamentar do PS não via com bons olhos, a imposição de um prazo de 5 anos para que aquela zona fosse infraestruturada, loteada e ocupada, por isso o consenso já se está a gerar nesta Câmara a esse respeito.

É uma zona completamente fora da zona urbana. Deve estar fora da zona urbana das Lajes a 2 ou 3 Kms da Silveira e a uns 5 Kms das Lajes. Portanto, a ocupação será diversa e é a zona de expansão para toda a indústria.

Não é fácil, nem talvez o próprio município nesta altura saiba quais as indústrias ou os empresários que lá irão instalar-se.

Muito obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Secretário Regional Adjunto da Presidência.

**Secretário Regional Adjunto da Presidência (Francisco Coelho):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente e Srs. Membros do Governo:

Trata-se da criação ou da ampliação daquilo que está destinado para zona industrial ligeira.

Não sei exactamente que tipo de fábricas é que já poderão estar previstas. No entanto, não sei se para ficar exactamente nesta zona, creio que uma das fábricas será relacionada com a indústria de lacticínios.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Duarte Freitas.

**Deputado Duarte Freitas (PSD):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Sr. Presidente e Srs. Membros do Governo:

Já foi mais ou menos explicada a razão de ser desta Proposta de Decreto Legislativo Regional, mas gostaria de clarificar aqui algumas situações.

De facto, o Grupo Parlamentar do PSD, depois de reflectir no assunto e de analisar com a Câmara Municipal das Lajes, interessada nesta matéria, e tendo em conta o anterior Decreto Legislativo Regional que existia, entendeu que seria melhor retirar aquela obrigatoriedade dos 5 anos, exactamente também para poder estar de acordo com aquilo que já tinha sido aprovado em 1997.

A necessidade de fazer esta desafecção, tem a ver não só com aquilo que já lá está a ser instalado e com intenções de investimento que lá existem, mas tem a ver também com um problema de cartografia que existiu, aquando da primeira vez que aprovámos o Decreto Legislativo Regional nesta Casa, que não coincidia com a cartografia que o Plano Director Municipal das Lajes do Pico estava a prever.

Assim, com esta correcção, vamos acertar a parte desafectada com a parte que no PDM está prevista para zona industrial ligeira.

Com isto, fica a Câmara Municipal das Lajes do Pico habilitada a poder fazer o loteamento de todo aquele espaço e, por consequência, poder legalizar uma situação que até agora aquela edilidade tem transigido um pouco relativamente à instalação da

fábrica da PICOLASE, mas que tem que ser regularizada e para isso tínhamos que fazer esta desafecção. Aliás, a Câmara das Lajes, há cerca de 2 anos, andava a tentar que isto acontecesse, para poder fazer o loteamento e com ele entregar o lote onde está a ser instalada a fábrica da PICOLASE, a fim de que esta empresa possa legalizar toda a situação do seu projecto de investimentos.

Julgo que não há nada mais a explicar da nossa parte e vamos votar favoravelmente esta Proposta de Decreto Legislativo Regional.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Alvarino Pinheiro.

**Deputado Alvarino Pinheiro (PP):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Sr. Presidente, Srs. Membros do Governo:

Para o Grupo Parlamentar do Partido Popular esta desafecção do regime florestal, é por uma boa causa.

Por outro lado, devemos ter presente que trata-se de um terreno que já é propriedade da própria Câmara Municipal e, por conseguinte, há que não só ir ao encontro dos desejos da autarquia para uma boa ocupação daquele espaço, como também partir de um princípio de responsabilização da mesma.

Daí que, na verdade, quando já se prevê que no caso de não se vir a verificar o uso que está previsto, as referidas parcelas de terreno voltarão a integrar-se no núcleo florestal da Silveira, é uma questão de princípio e acautela-se aquilo que, nesse âmbito, entendemos que deve ser acautelado.

O princípio é bom, a causa é nobre e nessa perspectiva entendemos que o diploma deve ser aprovado, tal como nos foi aqui apresentado.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Paulo Valadão.

**Deputado Paulo Valadão (PCP):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Nós vamos votar favoravelmente este Decreto Legislativo Regional, porque consideramos — aliás, as explicações dadas são perfeitamente compreensíveis — que devemos fazer o equilíbrio entre as nossas zonas de reserva e as nossas zonas florestais, e a necessidade de muitas vezes que se põe no que diz respeito ao progresso e ao desenvolvimento das nossas ilhas.

É um caso concreto onde a necessidade impõe que esta zona contribua para o desenvolvimento do concelho das Lajes do Pico, próximo da própria Vila e onde já estão a ser instaladas outras indústrias fundamentais para o desenvolvimento daquela ilha.

Por isso, por todas estas razões, o nosso voto favorável.

**Presidente:** Não havendo mais intervenções, vamos passar à votação.

Os Srs. Deputados que concordam, na generalidade, com esta Proposta de Decreto Legislativo Regional, mantenham-se por favor como estão.

**Secretário:** A Proposta de Decreto Legislativo Regional foi aprovada, na generalidade, por unanimidade.

**Presidente:** Uma vez retirada a proposta de aditamento da Comissão, vou pôr a versão original à discussão na especialidade e se não houver objecções, colocava à discussão os artigos 1º, 2º e 3º em simultâneo.

*(Pausa)*

Não havendo intervenções, vamos votar.

Os Srs. Deputados que concordam, mantenham-se por favor como estão.

**Secretário:** Os artigos 1º, 2º e 3º foram aprovados por unanimidade.

**Presidente:** Passemos à votação final global.

Os Srs. Deputados que concordam, mantenham-se por favor como estão.

**Secretário:** O diploma foi aprovado, em votação final global, por unanimidade.

**Presidente:** O ponto seguinte da Ordem do Dia era um Pedido de Urgência que deixou de ter significado, uma vez que o Grupo Parlamentar do Partido Socialista retirou.

Portanto, a proposta baixa à Comissão de Política Geral para apreciação.

Vamos encerrar os nossos trabalhos por hoje e recomeçaremos amanhã às 10.00 horas.

Boa noite e muito obrigado.

*(Eram 20 horas e 05 minutos)*

*Deputados que entraram durante a Sessão:*

***Partido Socialista (PS)***

**Carlos Alberto da Costa Fraga**

**José Élio Valadão Ventura**

**João Luis Sanchez dos Santos**

**José do Nascimento Ávila**

**Vasco Ilídio Alves Cordeiro**

***Partido Social Democrata (PSD)***

**Duarte Nuno de Ávila Martins de Freitas**

**José Manuel Cabral Bolieiro Dias**

**Manuel Teixeira Brasil**

**Sidónio Manuel Moniz Bettencourt**

***Partido Popular (PP)***

**Alvarino Manuel Meneses Pinheiro**

*Deputados que faltaram à Sessão*

***Partido Social Democrata (PSD)***

**Ana Carolina Gomes da Silva**

***Partido Popular (PP)***

**Nuno Barata Almeida e Sousa**

---

**A Redactora:** Maria da Conceição Fraga Branco